

JORGE FAVARON

VIAGEM AO BERÇO DA FILOSOFIA II – MAGNA GRÉCIA

1ª edição

São Paulo
Jorge Favaron
2019

RS Comunicação

DO AUTOR

Viagem ao Berço da Filosofia I - Costa Jônica

Nota

Os trechos em itálico indicam opiniões e reflexões do autor. O restante, conforme indicado, são originários de diversas fontes.

As imagens foram obtidas pelo autor, caso contrário, estão indicadas.

Alguns nomes são transcrição integral do italiano ou inglês. O autor se desculpa pelo desconhecimento de linguística e filologia na tradução.

Copyright © Jorge Favaron, 2019.

1ª Edição | São Paulo/SP - Dezembro de 2019.

Projeto gráfico

Eduardo Henrique Ribeiro Gama

Imagem de capa by Pixabay. Autor @anestiev

Criação

RS Comunicação

Revisão

Simone Proetti

Todos os direitos estão reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos ou mecânico, incluindo foto-cópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

F272v

Favaron, Jorge

Viagem ao berço da Filosofia II - Magna Grécia / Jorge

Favaron. 1. ed. - São Paulo: RS Comunicação, 2019.

120p. ;21cm.

ISBN 978-65-80315-01-7

1. Filosofia. I Título

65-80315

CDD-100

CDU-10

RS Comunicação

Praça da Sé, 21 sala 1311 - Centro

São Paulo/SP - 01001-001

Tel.: 3107-9674

www.rsprojetos.com.br

*Ao meu pai
in memoriam*

Sumário

Algumas Notas Sobre o Livro I	09
Mapa das Localidades Visitadas	11
Apresentação	12
Geocronologia dos Pré-Socráticos	13
Eléia	15
Parmênides	18
Zenão	19
A Antiguidade Ainda Viva I	21
Agrigento	22
Empédocles	23
Museu Pietro Griffo	24
Sítio Arqueológico Vale dos Templos	26
Hércules e a Superação dos Medos Primordiais.....	31
O Culto às Deusas Ctônicas	35
As Entidades Ctônicas	36
Crotona	39
O Mito	39
A Cidade	39
Pitágoras	40
Democedes	41
Hipasos	41
Alcmeone	42
Filolau	43
Museu Arqueológico Nacional	44
A Antiguidade Ainda Viva II.....	46
Sítio Arqueológico	50
Museu do Sítio Arqueológico	51
O Vinho	52
Tarento	56
Arquitas	57

Museu Regional Arqueológico	58
Terracota	58
Antefixas	61
Museu Espartano	62
Sítio Arqueológico de Saturo	64
Siracusa	66
Museu Arqueológico Paulo Orsi	69
Sítio Arqueológico Neapolis	70
Ilha Ortígia	73
Tecno-Parque Arquimedes	76
O Homem e Sua Época	76
Arquimedes	78
Roma	82
Museu Etrusco Villa Giulia	62
Quem Foram os Etruscos?	62
História	83
Origens e Compreensão do Alfabeto Etrusco.....	86
Museu Palazzo Massimo	93
Museu Altemps	98
Cripta Balbi	102
Termas de Diocleciano	104
Mostra Leonardo da Vinci	105
O Panteão	110
O Estreito de Messina	112
O Efeito Fada Morgana	113
Sobre o Autor	115
Bibliografia	117

Algumas Notas Sobre o Livro I – Costa Jônica

O Mar Mediterrâneo

Enquanto escrevia o livro sobre a costa jônica, eu estava lendo História da Arte, de H. F. Gombrich. No final da obra, o autor levanta questões semelhantes àquelas levantadas no livro I, sobre o Mediterrâneo (p. 13); Gombrich aborda o efeito de como cordilheiras, litorais e planícies poderiam influenciar as culturas.¹

Dídima

Na p.15, a cidade de Dídima – em turco Didim – e o templo de Apolo Didimion têm origem na palavra grega dídimos, διδυμοζ gêmeo², provavelmente alusão a Apolo e Ártemis, irmãos gêmeos.

Ilha de Delos

Na p. 76, é citada a ‘ilha de Delos, próxima à ilha de Mikonos’, como sendo local do nascimento mítico de Apolo e Ártemis.

A informação correta está abaixo, conforme a descrição do mito:

[...] Quando a deusa Leto, grávida de Apolo e Ártemis, estava para dar à luz, a deusa Hera, por ciúme (já que Zeus engravidara Leto), proibiu todos os locais da Terra de darem abrigo para o parto. A única que permitiu, foi a ilha flutuante de Aretusa (Ortígia para os romanos). Como recompensa, a ilha foi fixada no leito marítimo por quatro colunas. Como Apolo, o deus da luz, viu o dia primeiramente em seu solo, ela foi chamada de Delos, ‘brilhante’ [...]’³.

Embora exista a ilha de Delos, próxima à ilha de Mikonos,

¹ GROMBRICH, E. H. *História da Arte*, Tradução de Álvaro Cabral, 16, Ed. LTC, RJ, 2012, p.655 (nota sobre mapas).

² PEREIRA, Isidro, S. J. *Dicionário Grego-Português*, 8. Ed. Braga, Livraria A. I. 1998, p.141 e 888.

³ GRIMAL, Pierre, *Dictionary of Classical Mitology*, Penguin Books, 1991, p. 244 (tradução nossa).

a ilha de Ortígia faz parte da cidade de Siracusa, Sicília, e fica distante 850 km de Mikonos na Grécia.

A Deusa Atenas

Na p.86, há a informação de que a deusa Atenas é filha de Zeus e Metis. Novamente se recorre à descrição mítica para esclarecer:

'[...] Quando Metis ficou grávida, a deusa Gaia e o deus Urano advertiram Zeus, que após o nascimento de sua filha, ela teria um filho seu, e que este filho o destronaria. Zeus engoliu Metis. Na época do nascimento, Zeus chamou o deus Hefesto, que com um machado abriu a cabeça de Zeus, dela brotou a deusa Atenas com armadura completa [...]'

[...] Atenas foi uma deusa virgem [...]' (GRIMAL, 1991, p. 66-67).

Localidades Visitadas

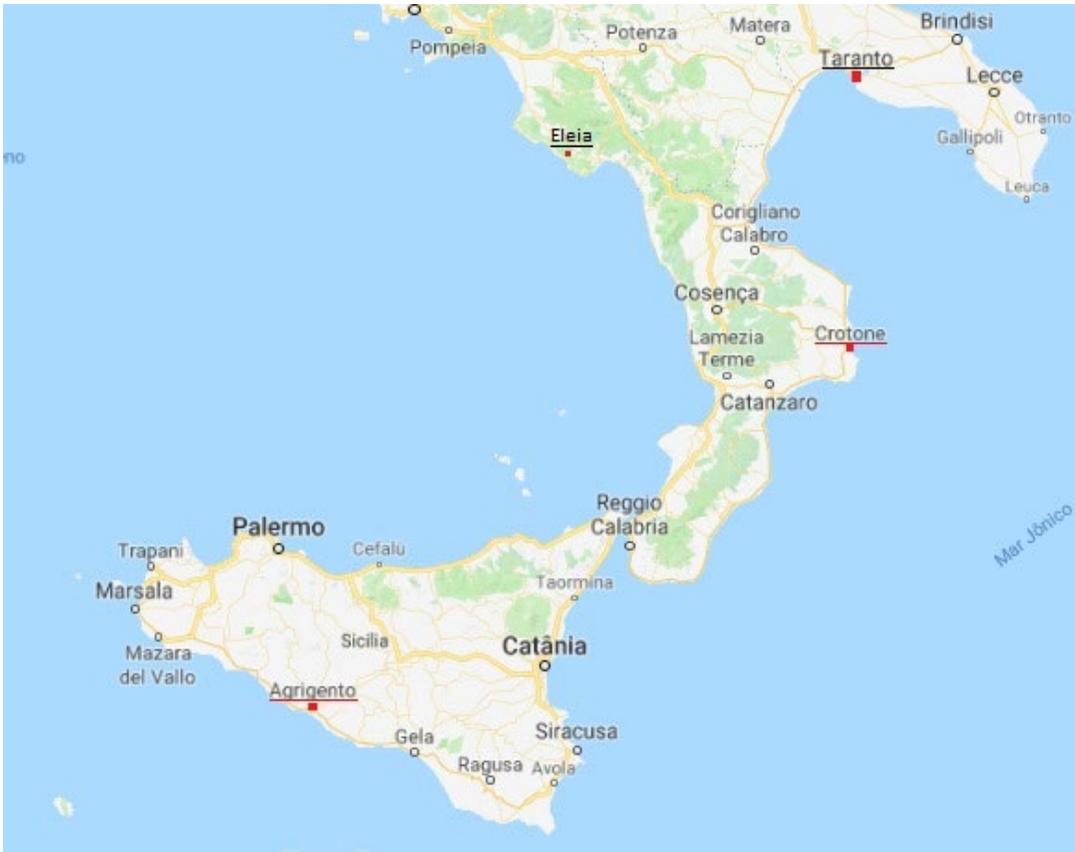


Figura 1. Mapa do sul da península itálica e Sicília, indicando as cidades de Eleia, Agrigento, Crotona e Tarento. Também foram visitadas as cidades de Siracusa e Roma (Fonte: Google Maps).

Apresentação

Visitei, entre 30 de junho e 12 de julho de 2019, os locais que foram berços dos filósofos pré-socráticos da escola itálica.

Diferentemente dos filósofos jônicos, que especularam sobre o princípio, *arché*, de que seria constituída a *physis**, natureza, a escola itálica ampliou essa especulação.

Parmênides e Zenão, em Eleia, apresentaram a questão do Ser e suas eventuais características, tais como perenidade, forma e imobilidade.

Empédocles, em Agrigento, realizou a primeira síntese filosófica, integrando os quatro elementos como princípio e apresentando como fator de coesão o amor ou amizade e de separação o ódio ou inimizade. Além disso, uniu o mobilismo de Heráclito ao imobilismo de Parmênides.

Pitágoras, embora natural de Samos, desenvolveu sua escola de estudo dos números em Crotona, tendo como discípulo Filolau, nesta cidade, e como discípulo de Filolau, Arquitas, em Tarento.

Alguns dos museus visitados não possuíam painéis bilíngues, assim tive que traduzir do italiano, sem conhecimento da língua. Houve também dificuldade de traduzir para o português, nomes gregos e latinos, nos painéis em inglês. Peço sua compreensão, leitora, leitor.

Finalmente, para algumas passagens com descrições mais sombrias da psique, sugiro a leitura da obra *A Conquista Psicológica do Mal*, de Heinrich Zimmer.

* Embora se traduza este termo como natureza, um sentido melhor seria 'criação', pois *physis* é a ação de *phyesthai*: brotar, crescer (SOUSA, José Cavalcante, Empédocles de Agrigento, tradução de Sousa e cols., 2. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978, nota p. 222 (Pré-Socráticos, Os Pensadores)).

CRONOLOGIA E GEOGRAFIA DOS FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS

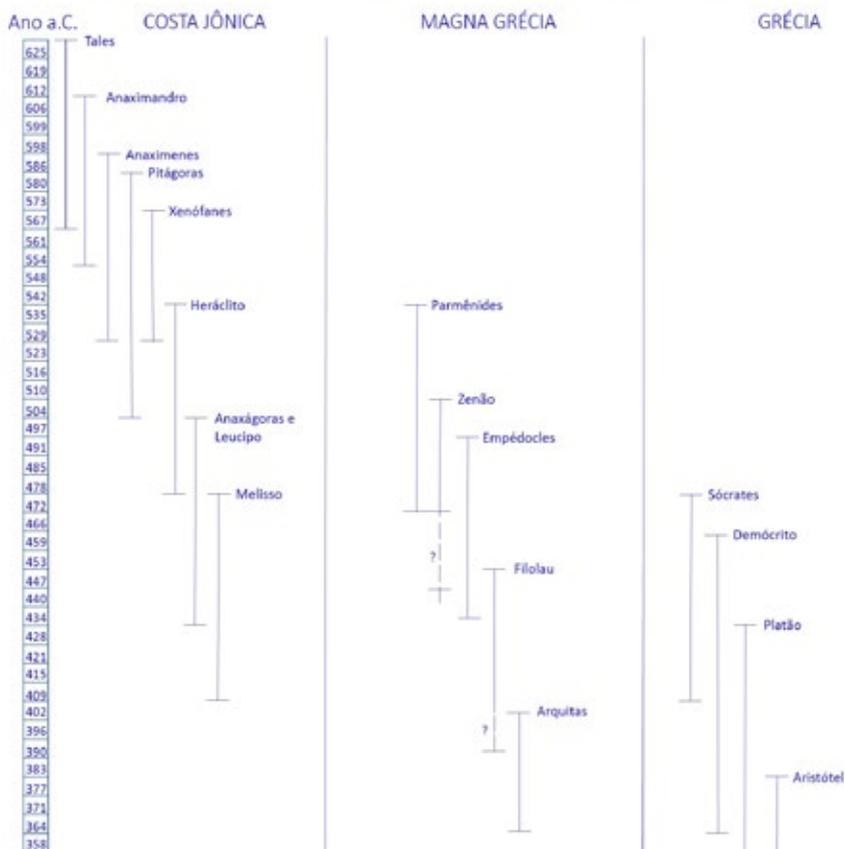


Figura 2. Gráfico geocronológico indicando a época e geografia dos filósofos pré-socráticos (Arte: Mariana Favaron).

Eleia

A origem de Eleia, inicialmente Hiele, é atribuída aos colonos gregos da Focea, situada na costa jônica, 40 km a noroeste de Esmirna (atual Turquia).

Os fóceos eram hábeis marinheiros e, diante da invasão persa, lançaram-se ao mar, em direção ao ocidente. Após um tempo navegando pelo mar Tirreno, fundaram colônias, dentre elas, a atual Marselha (600 a.C.¹); quando souberam, pelo oráculo, de uma região que tinha clima e relevo similar à terra natal.²

O urbanismo seguiu o estilo de ‘união de tribos’, *katá kómas*, de *komé*, pequenas aldeotas.



Figura 3. Eleia, porção na planície marítima.

¹ MUSEU ETRUSCO VILLA GIULIA, *painel em exposição*.

² HERÓDOTO, *História*. Tradução do grego por P. H. Larcher. Tradução para o português de J. Brito Broca.



Figura 4. Acrópolis: parte do teatro e torres medievais.

A cidade teve grande desenvolvimento sob a administração de Parmênides que a melhorou, destacando-a como centro comercial.

Na época romana, Eleia se transformou em importante centro de tratamento para saúde, devido à sua água e qualidade do ar, tendo recebido a visita do orador e filósofo Cícero, do general Emilius Paulus e de Brutus, que tinha residência na cidade.

Mas as propriedades hidro geológicas do solo facilitavam a ocorrência de deslizamentos e inundações, além do assoreamento das partes mais baixas da cidade.

Na época helenística, entre III e II a.C., a cidade sofreu uma grande calamidade, conforme registros estratigráficos (estudo das camadas geológicas) e epigráficos (inscrições em lápides e monumentos), afetando a economia.

No período romano, Eleia manteve boas relações com



Figura 5. Mapa do relevo de Eleia; com a linha da costa (em vermelho) na antiguidade. A costa atual é a última linha, abaixo à esquerda, dentro da área azul. (Painel no sítio arqueológico).

Roma, transformando-se em *municipium*, seus habitantes tinham os mesmos direitos que os patrícios romanos, mantendo o direito de falar a língua grega e cunharem sua própria moeda. Esse privilégio se revela pelo direito de celebrar o culto à deusa Deméter (Ceres) em Roma ao estilo grego (Cícero, *Pro Balbo*, 24,55). Naquela época, a cidade passou a se chamar Velia.

O assoreamento contínuo foi afastando a linha da costa: menos de 100m do centro urbano na antiguidade e hoje a 750m, o que levou ao declínio da cidade, além dos ataques bárbaros, ficando somente a acrópole, que na Idade Média foi escolhida para

a construção de uma fortaleza conhecida como *castellum maris*, 'castelo do mar' (foto acima).³

No local, há informação de que, no século V, os restos mortais do apóstolo Mateus foram trazidos para Velia. Cinco séculos após, foram encontrados pelo bispo Atanásio, próximo a um banho da época romana. Em 954, foram trasladados para Salerno.⁴

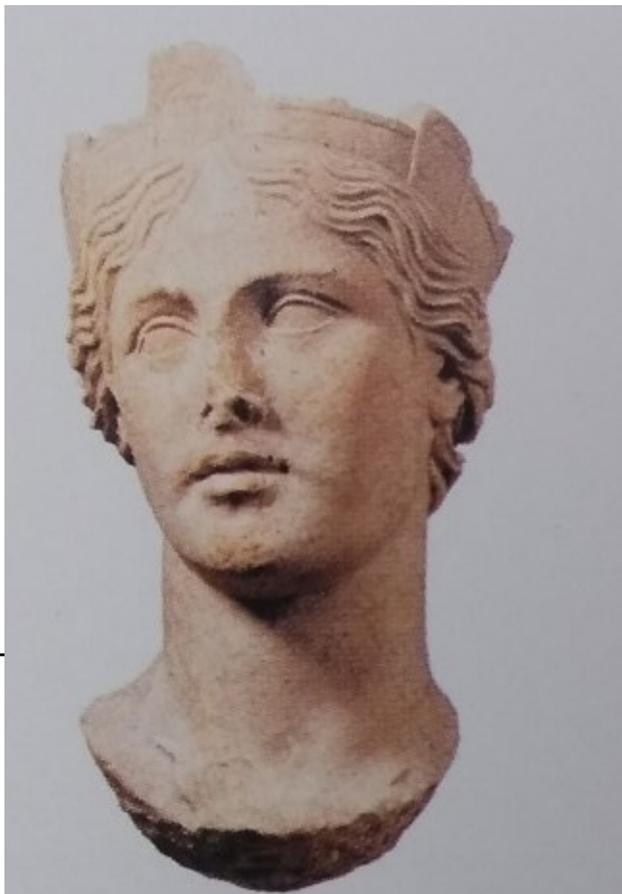


Figura 6. Tyche, personificação da cidade de Eleia. Encontrada na parte meridional. Busto da época do imperador Augusto, baseada no original grego do século IV a. C.

³ SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE ELEIA e UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Faculdade de Arqueologia, sítio eletrônico: Labeca MAE/Nausitoo.

⁴ SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE ELEIA, *Painel em exposição.*



Figura 7. Parte de afresco da era romana. Embora não totalmente estudada, sabe-se que essa residência foi construída nas primeiras décadas do século II a.C., mas a estrutura visível foi reformada no século I d.C., sendo habitada até o final daquele século.

Parmênides

Parmênides apresenta seu pensamento por meio de um poema. Nele, diz-se conduzido à presença da deusa da Justiça que expõe a ele a questão do Ser: ‘o Ser é, e o não Ser, não é’, ou como diz Aristóteles: ‘fora do Ser, o Não-Ser, nada é’.

Nietzsche enumera as distinções do Ser por Parmênides, primeiramente ordenadas em duas classes: luz e obscuridade, sendo a segunda a negação da primeira, distinguindo qualidades positivas e negativas; assim fez também com o leve e o pesado, o sutil e o denso, etc.

Dessa ordenação, ele coloca a luz, o leve e o sutil como ‘Ser’, sendo os opostos: obscuridade, pesado e denso como ‘Não-Ser’.

Mas essa exposição de Parmênides cria a questão do vir-a-Ser, aqui interpretada por ele como a união do Ser e do Não-Ser. Na narrativa de Nietzsche, Parmênides lança mão de qualidades ocultas – qualitates occultae – de tendência mística dos opostos se atraírem ‘um desejo une os elementos que conflitam e se odeiam: o resultado é o vir-a-Ser.’

A seguir, o pensador alemão descreve, na composição do poema, a influência de Xenófanes com a ideia de que o ‘todo é

um', e Heráclito, como opositor, já que este admite a multiplicidade. No poema de Parmênides, a deusa o adverte de olhar tudo sob o crivo do pensamento, abstraindo-se dos sentidos.

Finalmente, para Nietzsche, Parmênides procurou atingir a essência, o absoluto do Ser, mas o ser humano não tem um órgão de conhecimento daquela qualidade, e citando Kant, não se pode 'apreender o absoluto com a consciência'.

Mais além, cita Hegel, 'o absoluto já está presente, senão como ele poderia ser procurado?'

Dessa forma, Parmênides amplia a questão do princípio da natureza, para questões embrionárias da metafísica e da ontologia, renunciando a complexidade que o pensamento iria adquirir na especulação filosófica.

Zenão

Discípulo de Parmênides, é considerado por Aristóteles o criador da dialética pelo diálogo combativo (erística), e para Hegel, pelo 'seu puro pensamento tornar-se o movimento do conceito em si mesmo'.

Seus famosos argumentos sobre a corrida entre Aquiles e a tartaruga, que sai na frente, de que Aquiles nunca alcançaria o animal, pois para atingir a distância entre ele e a tartaruga, teria que percorrer a metade da distância, em seguida, a metade dessa distância, e assim em uma eterna subdivisão do espaço que impediria de atingir o ponto em que a tartaruga se encontra.

Outro argumento é sobre o deslocar-se da flecha que, para Zenão, seu movimento poderia ser subdividido até chegar ao ponto em que a flecha ocupasse momento a momento no espaço: sob essa ótica, a flecha estaria sempre em repouso. Nietzsche vai mais longe, questionando a existência do espaço e da própria flecha, algo que lembra, em nossa cultura cinematográfica, o argumento que as irmãs Wachowski colocam nos filmes Matrix.*

** Nascidos Andrew Paul e Laurence, as, hoje, 'irmãs' nos remetem, filosoficamente, à permanência de Heráclito.*

Esses argumentos foram refutados por Aristóteles alegando não ser isso que se observa na natureza¹.

*Entretanto, Hegel expõe o que motivaria Zenão: não a sua contestação do movimento, mas a percepção de que há uma contradição no movimento. E usa o argumento de Bayle**, rejeitando Aristóteles, citando a possível infinita divisão da matéria e a infinita demarcação virtual de um espaço, como no exemplo de fazer demarcações iguais em uma mesa, mas sem dividir o corpo da mesa!*

** Pierre Bayle, filósofo francês, 1647-1706

¹ Idem SOUSA, 1978, p. 139.

A Antiguidade Ainda Viva I

A Origem da Palavra

Diôgenes Laértios afirma que Zenão era ‘amásio’ de Parmênides², o que denota que possuíam trelacionamento homoafetivo.

*Na antiguidade, era comum o relacionamento entre homens, normalmente um adulto, por volta dos 30 anos, o **erasto** ou amante, e um jovem por volta dos 15 anos, o **eromano**, ou amado.*

Esse relacionamento tinha por objetivo educar o jovem na prática social, mas, muitas vezes, assumia um caráter homoafetivo, cujos excessos eram criticados como desvio de conduta que poderia acarretar problemas para o jovem.

*Platão, na obra **O Banquete**, em duas oportunidades explora as virtudes e os vícios desse relacionamento: primeiro no discurso do personagem Pausânias que analisa a prática; e na segunda, no desfecho do banquete, quando Alcibíades chega embriagado e, em tom de troça, acusa Sócrates de não querer ser seu erasto, descrevendo a recusa, a todo custo, do filósofo, apesar de suas investidas³.*

*Em grego, criança é **paidí**, originando os prefixos modernos para pedagogia e pediatria.*

Até os anos 50 e 60, era comum se referir ao homossexual masculino como pederasta, e a sua prática como pederastia. Esse termo hoje caiu em desuso, mas ainda é utilizado nos meios acadêmicos⁴.

Assim, na junção de paidi e erasto, encontra-se na antiguidade as raízes da palavra.

² LAÉRTIOS Diôgenes, ‘*Vida e Obra dos Filósofos Famosos*’, tradução Mario da Gama Cury, 2. ed. Brasília, UnB, 2008 pg. 258.

³ PESSANHA, José Américo Motta, *Platão*, tradução José Cavalcante de Sousa, 2. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 14 e segs.; p. 44 e segs. (Platão – Os Pensadores).

⁴ NERES, Luana, *Homoerotismo na Antiguidade*, in Helade, vol. 2, nº 3, dez 16.

Agrigento

Agrigento, inicialmente Akragás, devido ao rio com mesmo nome, atual rio San Leone, teve como cidade-mãe Gela, aproximadamente a 70 km a sudeste de Agrigento.

A fundação da cidade foi o coroamento da progressão de outros assentamentos de Gela, sendo esta constituída de habitantes das ilhas de Rodes e de Creta.

Sua fundação se deu durante a 50ª Olimpíada (581-580



Figura 8. Parte do templo, erroneamente atribuído a Hera, tendo ao fundo a atual Agrigento.

a.C.) e a ocupação se ampliou rapidamente, sendo a área da cidade bastante considerável, assim como se vê atualmente na expansão de áreas urbanas contíguas formando uma só cidade.

Sua história segue o mesmo destino de outras cidades da antiguidade.

Objeto de guerras e dominações, nesse caso, o enredo se liga à proximidade de Siracusa e à guerra contra Atenas. No período romano, sofreu invasão de cartagineses e esteve entre as cidades envolvidas com as guerras púnicas, entre Roma e Cartago¹.

Empédocles

*Dos fragmentos de texto deixados por Empédocles, um trecho que trata da audição chama a atenção: '[...] A audição... ressoa dentro do homem. Haveria como um guizo batendo, um osso carnoso, que o ar faz ressoar [...]'*². Essa especulação, observada com o 'olhar atual' se destaca pela descrição aproximada da estrutura do ouvido e seus componentes: estribo, bigorna, etc. Isso alcançado apenas de forma especulativa, sem qualquer estudo científico.

Em outro trecho, afirma que a criação inicial era teratogênica, onde nascem, por exemplo, cabeças humanas em corpos taurinos e vice-versa. Hoje, que os achados dos ossos do jurássico permitem reconstruir os sáurios que habitaram a Terra, demonstra que seu pensamento não é de todo sem fundamento.

Empédocles une, de forma imprecisa, os quatro elementos, para demonstrar, na natureza, a existência de um princípio de coesão: o amor, mesmo o sexual, descrito como Afrodite, pois sem ele os elementos se afastam, sem coesão.

Nietzsche faz uma descrição folclórica de Empédocles - que

¹ MUSEU ARQUEOLÓGICO REGIONAL DE AGRIGENTO PIETRO GRIFFO: Painel em exposição e UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Faculdade de Arqueologia: Sítio eletrônico Labeca/MAE/Nausitoo.

² SOUSA, *Empédocles de Agrigento*, apud: TEOFRASTO, *Da Sensação* (9) l. p. 217. (Pré Socráticos, Os Pensadores).

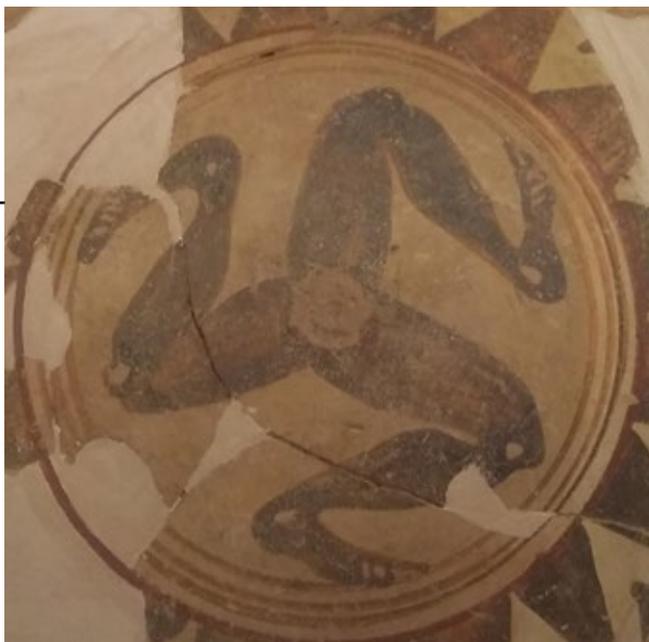
deixou Agrigento exilado por discordar de um regime não democrático – descrevendo-o usando vestes excêntricas, dizendo-se um deus, um imortal e deplorando o mundo em que vivia, sentindo-se culpado por algum crime contra os deuses para merecer tal castigo. E finaliza sua descrição colocando o grego em um limiar: médico ou mago, poeta ou retórico, deus ou homem, sábio ou artista, homem de Estado ou sacerdote, flutuando entre Pitágoras e Demócrito³.

O pensador alemão o classifica como **agonal***, e finaliza sua análise sobre o brilhantismo de Empédocles na descoberta das concepções fundamentais do atomismo³, assim como Hegel, que o define como sendo ‘mais poético, que filosófico’⁴.

* Festas na Roma antiga dedicado ao deus Jano, com duas faces, ‘bifronte’.

Museu Pietro Griffo

Figura 9. Um dino: triskele ou triscele do fim do século VII a.C. Pintada no fundo de uma cratera. O dino inicialmente era uma representação astronômica, simbolizando a rotação do Sol. Mais tarde, passou a representar a forma da Sicília com seus três cabos. Hoje, compõe a bandeira daquela ilha.



³ SOUSA, Empédocles... apud: NIETZSCHE, F., O Nascimento da Filosofia na Época da Tragédia, p. 247.

⁴ SOUSA, Empédocles... apud: HEGEL, George W. F., Preleções Sobre a História da Filosofia, p. 243.



Figura 10. Estatueta ao estilo de Rodes.



Figura 11. Ânforas, formando um conjunto, demonstrando que a produção artesanal assume uma expressão artística mais elaborada.

Figura 12. Matrizes e estatuetas. A produção dessas peças assume um caráter 'industrial', algo que lembra a forma moderna de produção em série.



Figura 13 (ao lado). Busto imperial em mármore listrado cinza. Provavelmente do imperador Adriano. Primeira metade do século II d.C. Local desconhecido da descoberta.



Figura 14 (abaixo). Frascos para bálsamo com formato de cabeças femininas. Mais uma demonstração de sofisticação artística.



Vale dos Templos

O sítio arqueológico Vale dos Templos abrange uma área de aproximadamente 1,4 km², sendo o templo de Hércules o mais antigo, por volta de século VI a.C.



Figura 15. Diagrama do vale dos templos. O percurso total é de aproximadamente 2,3 km.

Figura 16. Templo erroneamente atribuído à deusa Hera, devido ao erro de tradução do latim. Estilo dórico, 440-430 a.C. A região de Agrigento é rica em calcarenito, o que dá o aspecto terroso dos monumentos. A lateral com colunas, à direita, foi restaurada no século XVIII.





Figura 17. Via Arcosole. Nela, encontram-se residências do período helênico e a necrópole paleocristã.



Figura 18. Tumbas paleocristãs.



Figura 19. Método de transporte de colunas pela máquina de Kersifrone (tradução nossa do nome).



Figura 20. Transporte pela máquina de Metagenes, filho se Ker-sifrone.

O sítio apresenta, especialmente para fins educativos, um rico conjunto de gravuras e máquinas usadas na antiguidade.

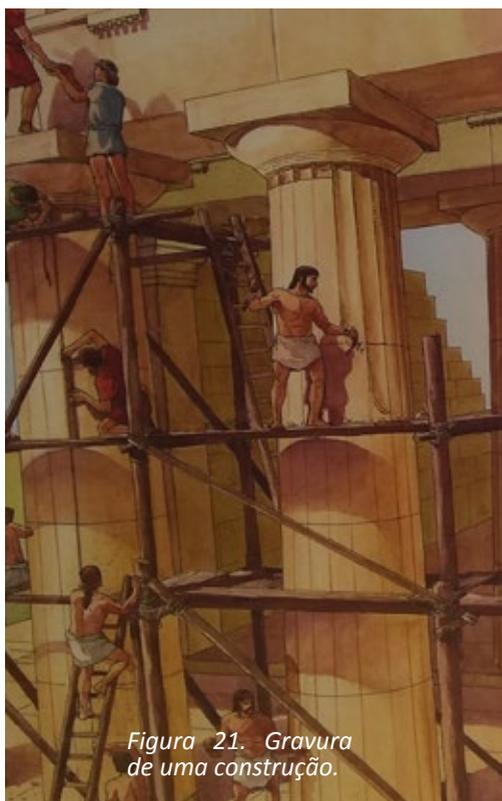


Figura 21. Gravura de uma construção.



Figura 22. Grua para elevação de carga e detalhe da construção de muralha.

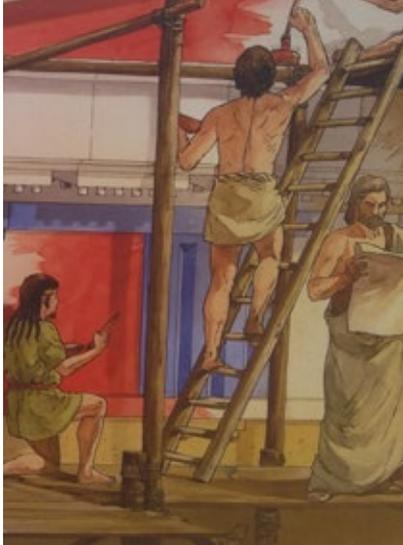
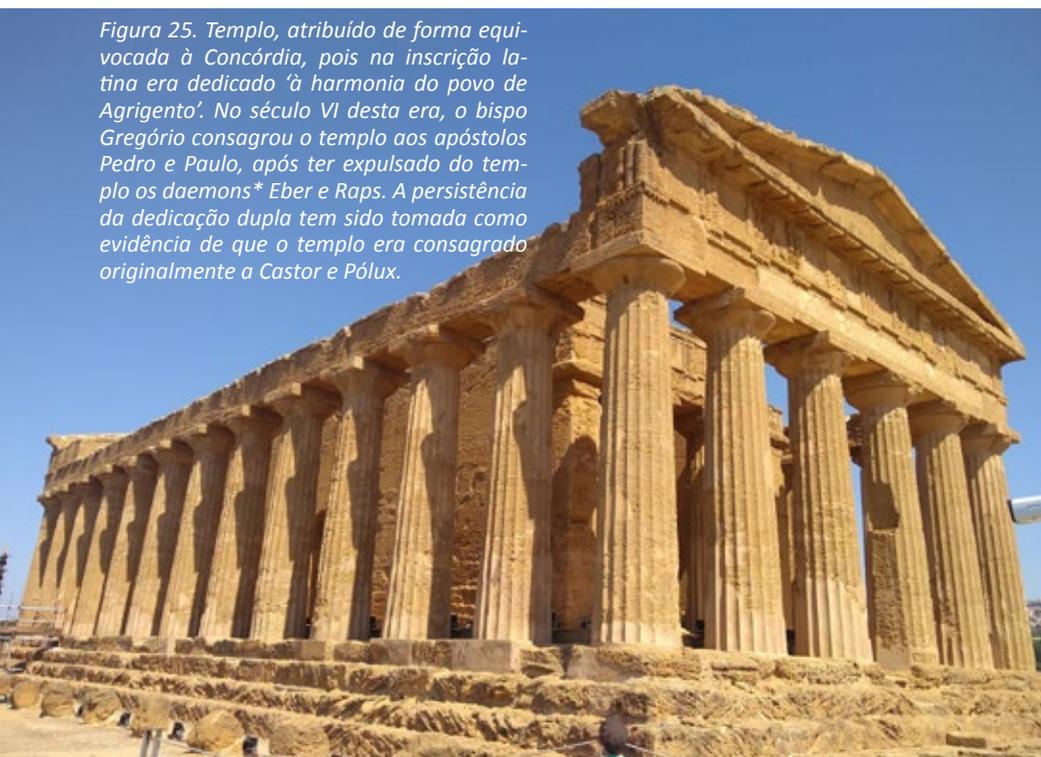


Figura 23. Policromia. Frisos e cornijas eram os mais decorados, intercalados de azul e vermelho.



Figura 24. Réplica de grua usada na antiguidade.

Figura 25. Templo, atribuído de forma equivocada à Concórdia, pois na inscrição latina era dedicado 'à harmonia do povo de Agrigento'. No século VI desta era, o bispo Gregório consagrou o templo aos apóstolos Pedro e Paulo, após ter expulsado do templo os daemons* Eber e Raps. A persistência da dedicação dupla tem sido tomada como evidência de que o templo era consagrado originalmente a Castor e Pólux.



* Divindades em Grego¹.

¹ PERFEITO, Abílio Alves, *Gramática de Grego*, 4 ed. Porto, 1974, pg. 40.



Figura 26. Templo de Hércules. Final do século VI a.C., estilo dórico. As colunas foram reerguidas em 1921, pelo capitão inglês Alexander Handcastle.

O Mito de Hércules e a Superação dos Medos Primordiais

No início do livro **2001, Uma Odisseia no Espaço**, Arthur Clarke faz uma vívida descrição da rotina dos hominídeos na África explorando os medos e inquietações noturnas daqueles seres.

Quantos milênios se passaram com aqueles agrupamentos, sem que houvesse um vislumbre de superação do estado de presa, à mercê da escuridão, das feras, e o quanto aquela realidade incutiu naquelas proto-mentalidades o medo diante da iminência de se tornar presa.

Houve um momento, bem representado no filme, em que um osso mais longo se transforma em arma; aquele gesto alegórico de matar e começar a consumir proteínas levou os hominídeos a um caminho sem volta.

A partir daí, aquele ser, talvez não ainda um sapiens, mas um habilis ou erectus, sentisse segurança e força, com a elaboração de flechas e domínio do fogo; ele conseguira afastar a escuridão da noite, criando uma ilha de luz, calor e segurança.

A psicologia nos mostra a extensão e profundidade da psique, como neste trecho (embora não fale sobre o medo):

‘Uma adição posterior à história da sirene foi a de que se alguém resistisse ao seu canto ela era forçada a atirar-se ao mar, transformando-se numa rocha [...]. De um modo semelhante, as ânsias auto-destrutivas a que se resiste mantém-se algures na paisagem da psique, mas imponentes e silenciosas.’¹

Essa superação e vitória sobre os elementos, talvez tenham criado o arquétipo de Hércules, que psiquicamente é o espelho do próprio homem não mais à mercê da natureza.



Figura 27 (à esquerda). Tumba, também atribuída de forma questionável a Terone, tirano de Akragás. Acredita-se que a tumba tinha uso singular: como a cidade era famosa por sua cavalaria, provavelmente esse espaço era consagrado como monumento funerário para cavalos, conforme relatos de Plínio e Diodoro Sículo (painel em exposição no local).

Figura 28 (à direita). Templo de Zeus Olímpico. Século V a.C. Possuía mais de 6.000m² de área e era composto por cinco edifícios. Famosas foram as monumentais estátuas de Atlantes (em grego), ou telamons (em latim, conforme descrição de Vitruvius, De Architectura, VI, 7). O material desse templo, assim como de outros, foi utilizado para outras construções, dentre elas o porto Empédocles.



¹ ARAS: THE ARCHIVE FOR RESEARCH IN ARCHETYPICAL SYMBOLISM, *O Livro dos Símbolos, Sirene*, sem indicação da tradução para o português, Alemanha, Taschen, 2012, impresso na China, p. 690.

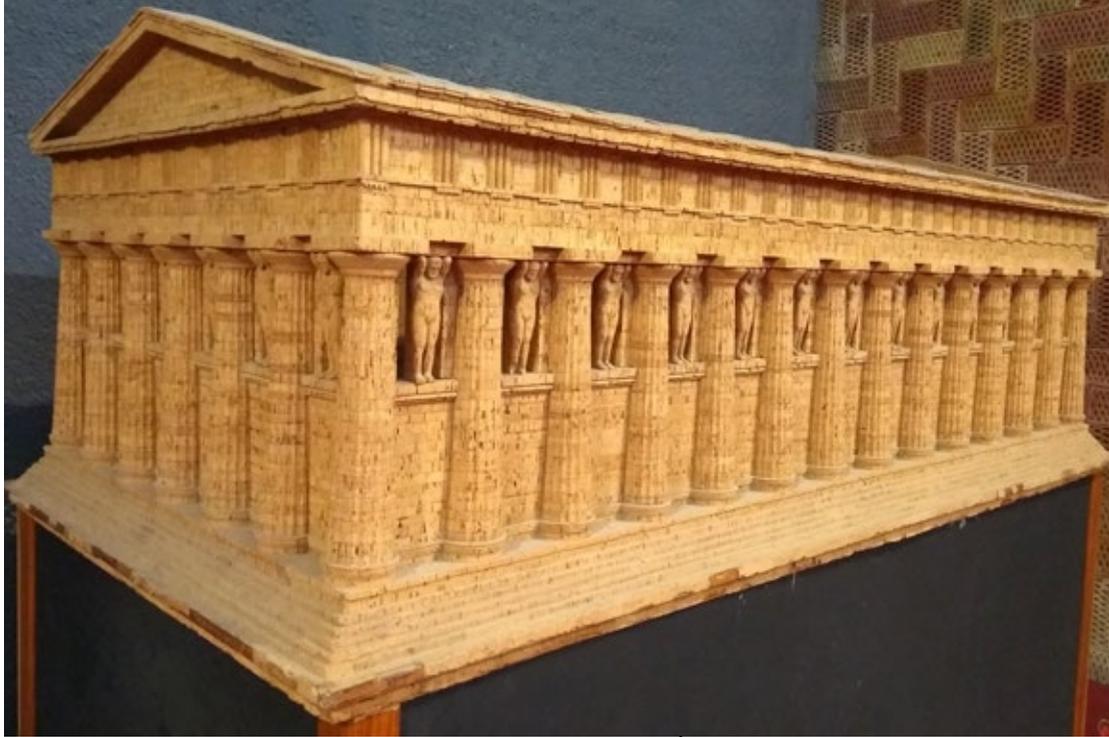


Figura 29 (acima). Maquete do templo de Zeus Olímpico – Museu Pietro Griffo – exibindo as estátuas dos atlantes, o nome vem de Atlas, titã que lutou contra os deuses e recebeu de Zeus, como punição, sustentar a esfera do universo. A representação também remete à subjugação dos ‘bárbaros’ cartagineses. O templo possuía 112m x 56m (painel em exposição no sítio arqueológico).



Figura 30 (à esquerda). Reconstituição de um atlante do templo de Zeus Olímpico. A peça tem 8 m de altura e é composta por um conjunto de doze blocos. Havia trinta e oito desses ‘gigantes’, assentados sobre meias pilastras dóricas; treze estavam dispostos em cada lateral, seis na frente e seis no fundo. Essa reconstituição de 1812, no interior do Museu Pietro Griffo, deve-se ao arqueólogo Raffaello Politi.



Figura 31. Área residencial localizada atrás do templo de Zeus...



Figura 32. ...onde cada moradia possuía uma pequena cisterna para abastecimento de água.



Figura 33. Templo dedicado às deusas ctônicas: Demeter e sua filha.



Figura 34.
Templo dos Dioscuri:
Castor e Pólux.

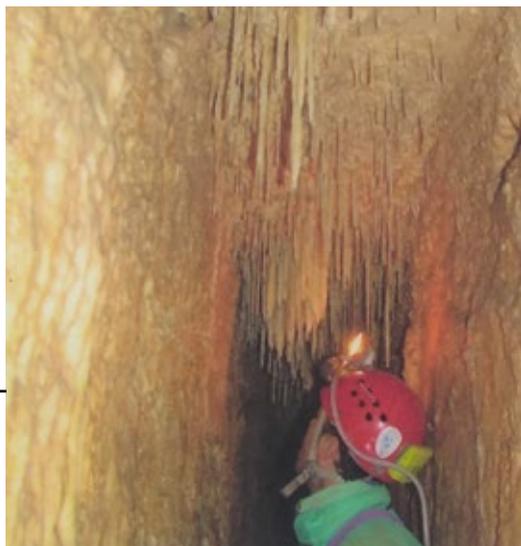


Figura 35 (ao lado). Hipógeo, ‘sob a terra’, corredor descoberto em 2005, com função de culto às divindades ctônicas. Possuía 50 m. (Edição da foto de um painel).

O Culto às Deusas Ctônicas

A importância dessas deusas é atestada por fontes escritas e diversas áreas sagradas, dentro e fora dos muros e usadas desde a origem da cidade, até o período helenístico.

Ligado ao templo das deusas ctônicas, havia o hipógeo, corredor que conduzia ao templo de Castor e Pólux (construção em L) e o terraço de donari (século VI-III a.C.) com 4.000m².

Esses templos são margeados – e grande parte do vale dos templos – por um bosque considerado sagrado, o jardim *Kolymbhetra*. O culto tinha o objetivo de trazer de volta o ciclo de vida na agricultura, no início da primavera. Esses festivais, chamados ***thesmophoria***, eram prevalentes na Sicília e tinham duração de três dias.

No primeiro dia, havia uma procissão de mulheres; no segundo dia, jejum e pequenas leitoas eram jogadas em poços circulares com o objetivo de fertilizar a terra; no terceiro dia, chamado

kalligheusia – geração das coisas belas – as leitões eram recober-
tas. Nesse dia, o jejum era quebrado com uma refeição comunal
servida no terraço donari. (*Painel em exposição no local*).



Figura 36. Planta com a disposição dos templos das deusas.

As Entidades Ctônicas



As duas deusas estão
vinculadas à terra: a primeira
relacionada à fertilidade do solo
– em Roma seu nome era Ceres,
que remete ao cereal – a segun-
da, por ter sido sequestrada pelo
deus Hades, governador do mun-
do dos mortos.

O mito, em sua riqueza
simbólica, explica:

Figura 37. Busto de Deméter. II século
d.C., baseado em original de Praxíteles
do século IV a.C. (Museu Palazzo Al-
temps. Roma).

[...] Perséfone era filha de Deméter com Zeus, sendo representada sempre com aparência juvenil. Certo dia, enquanto colhia flores, foi raptada pelo deus Hades, que por ela se apaixonou, levando-a para o seu reino. O choro da filha foi ouvido por Deméter, que a procurou, mas em vão. O deus Hélios, o sol, que tudo vê, revelou a Deméter o que ocorrera.

Deméter, aflita, abandonou os campos surgindo a seca, a esterilidade do solo e mortandade dos animais.

Zeus então ordenou que Hades devolvesse Perséfone, mas ele havia dado a ela semente de romã para comer, e todo aquele que come algo em seus domínios, nele fica detido. Zeus então decidiu que Perséfone ficaria seis meses com a mãe, sendo chamada nesse período de Kore, e seis meses com Hades.

Perséfone simboliza a primavera, assim os seis meses com Hades representa o outono e o inverno.

Em uma variação do mito, Deméter tinha outra filha pequena, Despina, que fica abandonada devido à procura por Perséfone. Para vingar-se do abandono que sofreu, Despina cobre os campos de neve, quando sua irmã desce para o reino de Hades [...]’ (GRIMAL, 1991, p. 122-124).



Figura 38. Busto de Hades. Cópia da época de Roma imperial, baseado em original grego século V a.C. (Museu Palácio Altemps. Roma).

A palavra grega Χθονιός ctônios, além do sinônimo de terreno; nascido da terra; filho da terra e indígena, também tem o sentido de infernal, que penetra e guia até o inferno.

Psicologicamente, o símbolo ctônico também se aplica aos seres fabulosos: dragões e serpentes, lembrando que os oráculos, antes de consagrados a Apolo, eram vinculados a esses seres, ligadas à ideia de germinação e morte.

Simbolizam o perigo de situações extremas e decisivas, na

forma de dificuldades, castigos e terrores; é o aspecto inconsciente que faz temer, por seu caráter oculto, imprevisto, súbito, violento, quase irresistível, embora não identifique a totalidade do inconsciente. É o aspecto noturno da mãe, da esposa, do antro.¹*

** O Dicionário dos Símbolos apresenta muitas referências; pergunto-me quem seria o autor dessa última frase; se também não caberia, a uma mulher, afirmar que seria o aspecto noturno do pai ou do esposo?*

¹ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos*, ed. 23ª, tradução de Vera Costa e Silva e cols., José Olympio Editora, 2009, p. 317.

Crotona

O Mito

‘Quando Hércules retornou com os bois de Gérion, seu décimo trabalho, Croton lhe deu boas vindas e o herói se tornou seu hóspede. Ocorre que Lacinio, um vizinho de Croton, tentou roubar os bois. Hércules o matou, mas, durante a luta, acidentalmente matou Croton também. Como expiação, Hércules construiu uma tumba e profetizou que uma famosa cidade surgiria e teria o nome de Crotona [...]’¹



Figura 39. O tripé, símbolo de Crotona, legado de Delfos, em moeda de 530 a.C.

A Cidade

Diodoro Sículo (século I a.C. a século I d.C.), no VI livro da sua *Biblioteca Histórica*, narra que Miskelos, um nativo da tribo dos aqueus*, consultou o oráculo de Delfos se teria uma estirpe como descendência. A pitonisa revelou que sim, mas que deveria fundar Crotona em uma bela planície. Ele não entendeu, e a pítia descreve em pormenor a geografia da região. Ocorre que o aqueu estava encantando com a região de Sibari, onde também havia uma bela planície, e queria ali fundar a cidade, mas a pítia então o adverte de que ele ‘choraria amargas lágrimas’ caso descumprisse o oráculo. Para a fundação, Miskelos foi ajudado por Arkia, fundador de Siracusa.

** Os aqueus foram uma das quatro tribos que formaram o povo grego; as outras foram eólios, iônicos e dórios; e foi o primeiro grupo indo europeu a chegar na Grécia, por volta de 2.000 a.C.*

¹ GRIMAL, 1991, p. 110.

A razão da fundação da cidade foi a procura de terras cultiváveis, sendo o primeiro movimento de colonização no século VIII a.C. O texto destaca que, em grego, colônia, *apoikia*, não sublinha o destaque da cidade-mãe, *madrepatria* (em italiano) e *metrópolis*, em grego. O esplendor arquitetônico da cidade ocorre no século V a.C., com a construção do santuário de Hera Lacínia, e seu declínio ocorreu com a invasão de Aníbal, de Cartago, no III século a.C. levando ao seu colapso.

Algumas personalidades de Crotona que merecem destaque:

Pitágoras

Expulso de Samos pelo tirano Polícrates, cerca de 530 a.C., Pitágoras se transferiu para a Magna Grécia, com o pai que era comerciante.

Considerado encarnação de Apolo e possuidor de dons sobrenaturais, como poder estar em vários lugares ao mesmo tempo (ubiquidade) e a recordação de vidas passadas (*ver livro I*).

Pregava uma vida de moderação dos costumes e uma classe política baseada na aristocracia de uma cultura superior, e não o governo baseado no nascimento ou nos expoentes do atletismo, como ocorria em Crotona (ver p.45 abaixo).

Sua doutrina dava grande importância à matemática, desenvolvida por ele e seus discípulos. À sua escola se deve o desenvolvimento do teorema dos triângulos retângulos, a geometria racional e as grandezas incomensuráveis.

Participava da vida política por intermédio de seus discípulos, que desenvolveram a aristocracia do saber pregada pelo mestre.

Colocando-se inicialmente contra a vizinha Sibari, devido ao que considerava costumes dissolutos, contribuiu com Crotona para sua derrota, entretanto foi contra a destruição total de Sibari e a distribuição de suas terras entre seus concidadãos. Isso gerou uma revolta popular contra ele, que abandonou a cidade, refugiando-se em Metaponto, onde veio a falecer.

Seus discípulos continuaram a administrar com sucesso a cidade.

A doutrina pitagórica não influenciou só a colônia aqueia, mas toda a região sob influência de Crotona, chegando até a Lucânia (atual Basilicata).

Com o tempo, os discípulos se desviaram dos ensinamentos do pensador, provocando discórdias e lutas, até armadas, pelo controle de Crotona.

Democedes

Heródoto, no livro III, capítulo 125 e seguintes da sua *História*, narra sobre Democedes. Médico, deixou Crotona devido ao constante mau humor do pai e se estabeleceu primeiramente na ilha de Egina, depois Atenas e Samos: em todas, com reputação de excelente médico.

Em Samos, fez parte do séquito de Polícrates até o governador persa Orestes. Este matou Polícrates, tornando Democedes escravo, que acabou chegando à capital da Pérsia, Susa, onde reinava o rei Dario.

Devido a uma torção na perna em uma caçada, Dario começou a sentir dores cada vez mais intensas sem que nenhum médico da corte o curasse. Democedes foi chamado e curou o rei.

Mais tarde, curou um tumor no seio de Atossa, filha de Dario. Como gesto de gratidão, sugeriu que a filha convencesse Dario a enviá-lo para levantar informações sobre a Grécia para atacá-la.

Democedes partiu com quinze persas e, chegando em Tarento, foi libertado por Aristofílido. Ainda foi perseguido por esses persas até Crotona, mas seus conterrâneos não permitiram sua volta à condição de escravo.

Hipasos

Do século V a.C. comenta-se que seria do Metaponto, Sibari ou Crotona. De mentalidade controvertida e personalidade complexa, é pertencente ao segundo pitagorismo, como expoente

de um filão interessado na apreensão segura da realidade como objeto ou *mathema*, seu grupo era conhecido como matemáticos, que se contrapunha ao grupo que mantinha rígido respeito pelas normas mágico-religiosas, os *akousmata*.

Hipastos é acusado de infringir a regra de silêncio interno da escola pitagórica, divulgando segredos matemáticos, como a grandeza irracional ou a construção do dodecaedro, mas sem concordarem com a punição, acusam-no de grave impiedade, o que significa expulsão ou morte por naufrágio.

Aristóteles o associa a Heráclito de Éfeso como sendo o fogo, o princípio do universo.

A fé na observação empírica em cada âmbito de pesquisa que caracterizava os ‘matemáticos’ está na origem do seu interesse pela música. A ele se atribui a pesquisa com discos de bronze com dimensões variáveis e vasos com diferentes quantidades de líquidos, o que o leva a descobrir a relação numérica da chamada consonância de fundo.

A ideia de redesenhar o número como ‘paradigma’ ou ‘instrumento’ divino na criação do mundo é também atribuída a ele, embora haja controvérsias.

De sua imagem como personalidade irrequieta, vem a razão daqueles que sustentaram a agitação popular antipitagórica.

Alcmeone

Médico e filósofo, era contemporâneo bem jovem de Pitágoras. Do fim do século VI e início do século V a.C., recebeu parcial influência pitagórica, com interesse na fisiologia. Aristóteles e Teofrasto afirmam que ele escreveu um tratado de ciência natural, que se perdeu, e teve contato com pitagóricos da primeira geração como Brontino, Leone e Batillo.

Interessado no mecanismo da consciência perceptiva e intelectual, pesquisou como fisiologista, o problema da forma como a percepção se torna consciência, colocando-a no cérebro – cen-

tro coordenador do processo – antes que no coração.

A base de sua pesquisa era a observação empírica, assim dissecava cadáveres e descobriu o nervo ótico.

Diferentemente dos pitagóricos, argumentava que a consciência se sustentava entre os contrários.

Inspirando-se na noção pitagórica da harmonia, estabelecia uma estreita relação entre a saúde do corpo e a sabedoria da alma, estimulando pesquisa sobre o modo de manter-se o equilíbrio de uma e de outra. Famosa foi sua definição de saúde entendida como uma mistura proporcionada (*symmetros krásis*) de qualidades opostas: ‘[...] o que mantém a saúde é o equilíbrio (*isonomia*) da potência: úmido-seco, frio-quente, amargo-doce e assim por diante; ao invés do predomínio (*monarchia*) de um deles, o que gera a doença, pois mortal é o predomínio de um sobre o outro [...]’.

Alcmeone se insere com pleno título na tradição de Crotona, e com a conexão entre atletismo e medicina consolidou uma ciência de alto nível, com relações estreitas com o santuário grego de Asclépio, deus da medicina.²

Filolau

Esse filósofo não consta como figura destacável, não há seu nome no museu.

Nasceu em meados do século V a.C. e pouco se sabe sobre ele. Foi mestre de Demócrito e Arquitas. Diz-se que obrigado pela pobreza, escreveu um livro sobre a doutrina pitagórica, fato importante, pois os fragmentos desse livro são o mais antigo escrito do pitagorismo. A obra exerceu profunda influência no pensamento de Platão³.

² MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL DE CROTONA, *Painéis em exposição no local*.

³ SOUSA, 1978, p. 249.

Museu Arqueológico Nacional (Urbano)

Crotona possui dois museus, um no centro e outro localizado junto ao sítio arqueológico, a 20 km, em cabo Colonna. Em minhas pesquisas não soube desse museu, mas fui orientado a visitar devido ao diadema de Hera.



Figura 40 (acima). Figuras negras. Prova atlética ('estádio' na antiguidade, pois percorria o estádio em todo seu comprimento: 180 m). Crotona sempre teve destacada participação nos jogos olímpicos, sendo Daippos, pugilista, seu primeiro atleta vencedor em 672 a.C.

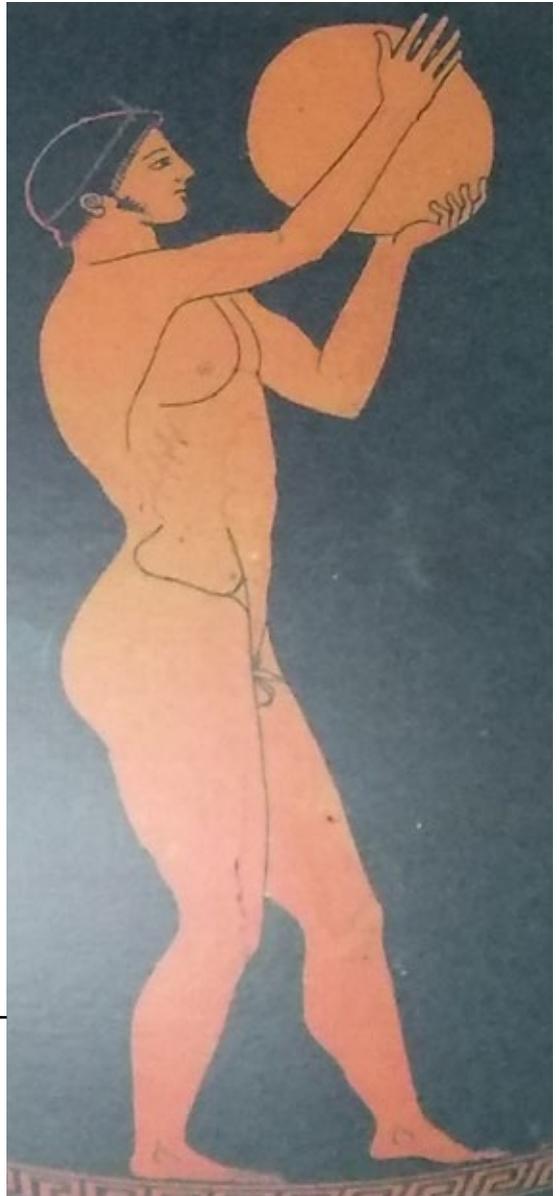


Figura 41 (ao lado). Lançamento de disco. Técnica em figura vermelha.

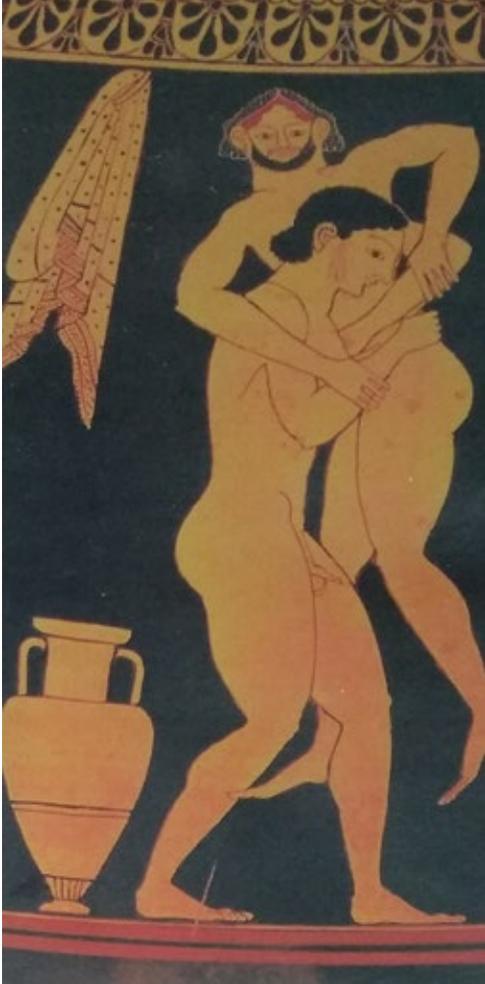


Figura 42. Luta.

Os escritores antigos destacavam a seriedade do treinamento para os atletas e algumas atuações como verdadeiramente excepcionais, como a vitória de Milon em sete olímpiadas consecutivas (além de seis vitórias nos jogos píticos, em Delfos, em honra de Apolo; dez nos jogos ístmicos, em Corinto, em honra de Poseidon; e nove nos jogos nemeus, em Neméia, Argólida, em honra de Zeus; o que significa que Milon foi um atleta que venceu em um mesmo ciclo todos os jogos pan-helênicos, feito denominado *periodonikes*). Outro atleta, Astylos,

em três olímpiadas consecutivas, venceu duas provas: estádio e diaulos (estádio duplo: 360 m) e três vitórias na terceira. O geógrafo Estrabão relata a chegada de sete atletas de Crotona em primeiro lugar no estádio em uma final olímpica.

Em Delfos, também famosa foram as vitórias de Phayllos, crotonense que triunfou duas vezes no pentatlo: lançamento de disco, salto, lançamento do dardo, corrida e luta.

O prestígio e status social desses atletas é atestado pelo exemplo de Milon, chefe militar e herói vitorioso na guerra de Crotona contra Sibari (510 a.C.) e de Phayllos, que, às suas expensas, armou o único navio grego da Magna Grécia que participou da batalha de Salamina contra os persas em 480 a.C. (*painéis no museu*).

A Antiguidade Ainda Viva II

O Intervalo Entre os Jogos Olímpicos

As olimpíadas começaram em 776 a.C. em honra a Zeus; sua importância era tão grande que era usada como calendário. A criação dos jogos é narrada pelo mito da seguinte forma:

'[...] Quando Rhea estava para dar à luz Zeus, procurou um lugar para se esconder, para evitar, mais uma vez, que Cronos devorasse o rebento. Encontrou refúgio na caverna Psycros, no monte Ida, em Creta. No momento do parto, para aliviar a dor, ela cravou os dedos na terra, dando origem aos dáctilos (dedos), entidades cujos números variam, mas que na tradição eleática havia cinco homens: Hércules (não o herói filho de Zeus), Epimedes, Idas (ou Acesidas), Peônios e Iasos. Para entreter o jovem Zeus, criaram jogos cujo vencedor foi Hércules [...].'¹

Em uma das interpretações, o intervalo de quatro anos considera um ano para cada dáctilo, somado ao ano de realização. Os dáctilos também eram chamados curetes.



Figura 43 (ao lado). Reprodução de um forno para queima da cerâmica.

Figura 44 (abaixo). Vaso de unguento em bronze, representando uma sirene (ver p. 16), primeira metade do século V a.C



¹ GRIMAL, 1991, p. 117.



*Figura 45 (acima). Representações, em bronze, de vaso de unguento da **Sirene** (à esquerda), da metade do século VI a.C. A Sirene fazia parte de um amplo fenômeno iconográfico na antiguidade, embora menos que as outras figuras. De matriz oriental, híbrido de humano e pássaro, simbolizava o aspecto ambivalente do divino que dispensava a vida e a morte. Fora do contexto funerário, tinha significado apotropáico (do grego *apotropein*, 'deitar fora'²), de afastar o mal; **Górgona alada** (ao centro), cerca 540 a.C. e vaso de unguento da **Esfinge sentada** (à direita), cerca de 540 a.C.*



Figura 46. Coluna dórica do santuário de Hera. Século V a.C. 'Terremotos, sobretudo o de 1638, deram o golpe de misericórdia no que restava das colunas e parte do grande templo, até ficar uma só, aquela que hoje resta a contemplar e desafiar o intenso azul do mar jônico'.

² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 5 ed. Curitiba, Positivo, 2010, p. 179

O complexo do **templo de Hera Lacínia** teve início na era arcaica (base do edifício B), e no final do período republicano de Roma já contava com onze estruturas arquitetônicas.

Estrabão descreve a riqueza do santuário, que em sua época (século I d.C.) se conhecia apenas por relatos. Ele cita a descrição de Tito Lívio (59a.C.-17d.C.), que descreve bosques frondosos, com animais de todos os tipos dedicados à deusa, e que não sofriam qualquer ataque de animais ou de homens.

Sobre as origens remotas do santuário, uma das interpretações do mito narrado na p. 22 sinaliza a chegada dos colonos gregos (Hércules) e do conflito com os indígenas (Lacínio), assentados ao longo do litoral recortado ao sul do cabo Colonna, promontório Lacínio na antiguidade.

Estrabão e o poeta Licophron (século III a.C.) descrevem um jardim florido de Lacínio como dedicação da deusa Thetis - mãe de Aquiles - para Hera, e do luto causado pela morte de Aquiles (lembrando que a guerra de Tróia ocorreu por volta de 1.200 a.C.).

O sinal de luto demonstra uma ligação entre a comunidade indígena socialmente estruturada (aquela de Lacínio) e outra vinda do mar, com quem mantinham vínculos comerciais. O sinal dessa presença é que se recolheu no edifício B, descoberto entre 1987 e 1989.

Seu caráter sagrado foi revelado pela quantidade de ex-votos encontradas. A estrutura foi construída no século V a.C. em três estágios e uma base anterior foi respeitada, provavelmente local anterior de culto. Uma estrutura de pedra quadrada, no centro, parece ter sido uma opulenta base para o culto à estátua.

Provavelmente, o diadema de Hera coroava sua estátua no santuário, denominada Stephanos.

Fato considerado de extrema importância é a moeda que circulou por volta do século IV a.C. e que ostentava a cabeça coroada de Hera. Outros célebres santuários dedicados a Hera estavam em Argos e Samos (ver livro I).

(fonte: painéis do museu).



Figura 47 e 48. O Diadema de Hera.



Figura 49. Moeda com efigie de Hera coroada. Século V a III a.C.

Sítio Arqueológico

A ocupação desse local na antiguidade é dividida em estágios:

- Séculos VII a V a.C.: templo dedicado a Hera, edifícios A e B;
- Século IV a.C.: edifícios para hospedagem de peregrinos e refeições comunais;
- Século II a.C.: núcleos, ainda pequenos, de habitações;
- Século I a.C.: banhos, muros, pórticos e difusão dos núcleos de habitações.

Figura 50. Habitação do período romano. Século I a.C.

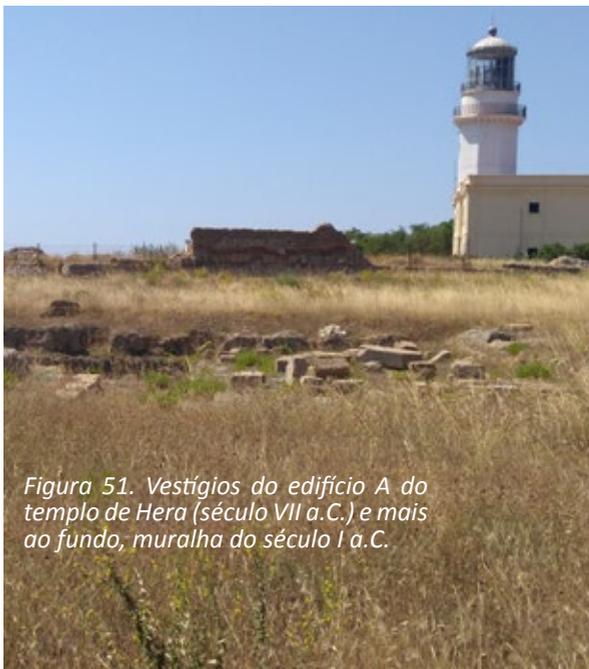


Figura 51. Vestígios do edifício A do templo de Hera (século VII a.C.) e mais ao fundo, muralha do século I a.C.



*Figura 52.
Muralha do Século I a.C.*



Figura 53. Remanescente do edifício de hospedagem de peregrinos do século IV a.C., tendo ao fundo a Crotona atual.

Museu do Sítio Arqueológico

Esse museu é rico em achados marítimos, sendo esses as principais fontes dos itens expostos.



Figura 54 (ao lado). Registro arqueológico de peça realizado no leito marítimo.



Figura 55 (acima). Ânforas resgatadas de naufrágios.

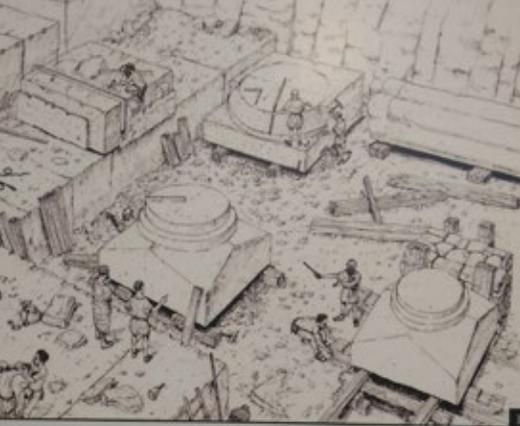


Figura 56. Gravura exibindo a extração, lapidação, transporte e embarque do mármore.

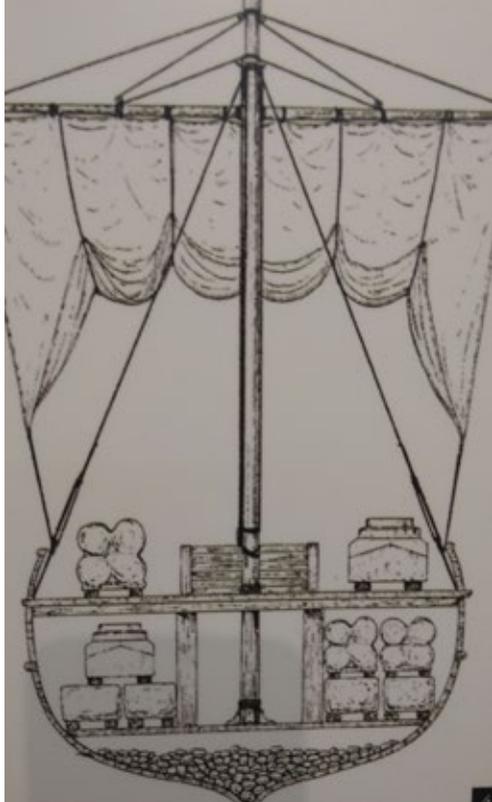


Figura 57. Diagrama da disposição das peças de mármore em navios.

O Vinho

No mundo grego, o vinho é mais do que um produto ou mercadoria, é indispensável para a vida religiosa, acompanhando cada cerimônia e é associado à vida da alta aristocracia nos banquetes (symposium).

Permite entrar em contato com a divindade, a qual existe um deus específico: Dioniso. A bebida, produto de artífices e fruto da habilidade humana, seguia normas precisas de manuseio que distinguia os gregos dos bárbaros.

Sua importância era tal, que nos banquetes era escolhido entre os participantes um simposiarca, que cuidaria da diluição do vinho e do momento a ser ingerido.¹

¹ PESSANHA, 1979, nota 21 na p. 11.



Figura 58. Detalhe de crátera grega exibindo Dioniso, em figura negra, segurando uma taça de vinho entre ramos de videira. Fim do século VI a.C. (Museu Arqueológico Nacional Paolo Orsi, Siracusa).

Figura 59. Gravura exibindo a carga de ânforas distribuídas em embarcação. O nome grego amphoreus alude às duas alças. Aquelas destinadas para transporte de vinho eram impregnadas interiormente com resina vegetal e fechadas com cortiça e vedadas com cera, terracota, resina ou cinza vulcânica (pozilânica). (Painel em exposição).



Em episódio da vida de Empédocles, Timaios narra que ele participava de um banquete, e o serviço de vinho sofre atraso. Ele reclama, e o anfitrião alega que quer dar o lugar de simposiarca

a uma figura do conselho, que ainda não chegara, demonstrando evidente interesse político. Quando o membro do conselho chega, é ordenado que bebam o vinho ou este seria derramado na cabeça dos convidados. Empédocles não se manifesta, mas no dia seguinte providencia a citação judicial, obtendo, para ambos, a condenação à morte.²

Em um naufrágio ocorrido no final do século VI a.C., nas proximidades de Crotona, é documentado que a carga era prevalentemente de vinho vindo de Corinto. Com o tempo, a produção de vinho se torna importante economicamente fazendo grandes fortunas. Destroços e achados isolados ao longo da costa de Crotona permitem atestar uma variedade de vinhos testemunhada pela multiplicidade de recipientes.



Figura 60 (ao lado). Carregadores de ânfora, técnica em figura negra, metade do século VI a.C. (Virginia, EUA, Museum of Fine Arts).



Figura 61. Pequenos Eros distribuindo vinho, século I d.C. (Afresco na casa de Vettii, Pompeia, Itália).

² LAËRTIOS, 2008, p. 243.



Figura 62. Distribuição festiva de vinho, técnica em figura vermelha, século V a.C. (Museu do Vaticano, Roma). Obs.: todas as imagens obtidas em painéis em exposição no museu.

A conquista romana da Magna Grécia é acompanhada pela introdução do vinho na alimentação dos dominadores, além do monopólio da técnica do cultivo da uva, que se difunde largamente, o que gera enormes lucros e domínio do vinho romano no ocidente e oriente do Mediterrâneo, descoberta devido às ânforas encontradas em naufrágio. Essa fase expansiva terminou no século II d.C.

No século IV d.C. a região de Bruzio, Calábria, volta a exportar vinho por via marítima.³

³ MUSEU DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE CROTONA, painéis em exposição.

Tarento

Os mais antigos achados no golfo de Tarento (mar piccolo) remonta ao 5º milênio a.C., revelado por objetos cerâmicos. As aldeias eram habitadas baseadas nas relações de parentesco. A economia era baseada no cultivo de cereais e criação de gado, ovelhas e porcos.

No 4º milênio a.C. (Neolítico), a população cresce e ocorre a emergência de extratos sociais. Os objetos cerâmicos são mais elaborados, conforme demonstram as cerâmicas elegantes de ‘Serra D’Alto’, onde surgem motivos geométricos: linhas, meandros e espirais.

Do 4º ao 2º milênio (idade do Cobre), ocorre a introdução da metalurgia, circulação de bens, aumento da mobilidade e hierarquia social.

Entre 2.000 e 900 a.C. (Idade do Bronze), surgem assentamentos fortificados na costa, armazéns, trocas comerciais marítimas e arte especializada.

Entre 900 a 700 a.C. (idade do Ferro), houve a fundação de várias aldeias indígenas pelos lapígios. Heródoto conta que uma frota de Creta tentou o cerco contra a cidade de Cânico, por cinco anos, sem sucesso. Ao fim, sem víveres, retiraram-se; ao navegar de volta, enfrentaram uma tempestade que destruiu todos os seus barcos. Vieram dar à costa da Iapígia e sem ter como retornar, ali se estabeleceram passando a se chamar iapígios messápios.¹

A importância de Tarento na antiguidade não é espelhada com suficiente evidência arqueológica atual. A continuidade de assentamentos na cidade antiga e mudanças devido ao desenvolvimento do distrito de Burgos, no fim do século XIX e início do século XX, com a conseqüente elevação do terreno e escavações sem controle, apagaram os traços urbanos e a planta monumental da *polis* antiga fundada pelos espartanos.

¹ Heródoto, 2006, CLXX, p. 583.

Arquitas

O século IV a.C. foi principalmente o século de Arquitas. Filósofo pitagórico, matemático, amante da música e general (*stratego*) por seis vezes consecutivas, havendo uma pausa para novamente exercer papel de liderança. De acordo com estudos confiáveis, a atividade de Arquitas se estendeu entre 356 a 336 a.C.*, período que também foi general da liga itálica, época na qual Tarento ajudou a ratificar seu papel hegemônico na região da Magna Grécia.

Arquitas exerceu excelente governo e uma democracia moderada, favorecendo expressamente o desenvolvimento de vários setores produtivos, com a abertura para uma democracia mais ampla. A cidade estimulava espetáculos públicos na natureza.²

Arquitas foi discípulo de Filolau e amigo de Platão. Atribuem-se a ele muitas obras perdidas, sobre mecânica e geometria, sendo considerado o iniciador da mecânica científica. Restam fragmentos de suas obras *Harmonia* e *das Diatribes ou Conversas*, referentes a problemas de matemática e música.³

* Na coleção 'Os Pensadores', no volume referente aos pré-socráticos, há a informação de que Arquitas viveu entre 400 a 365 a.C. Acima, há a informação de que o pensador exerceu atividade até 336 a.C. Nota-se uma evidente incongruência de informações.

² MUSEU ARQUEOLÓGICO REGIONAL DE TARENTO, painéis em exposição.

³ SOUSA, 1978, p. 253.

Museu Arqueológico Regional de Tarento

Terracota

Os objetos de argila cozida, também conhecidos como terracota: ladrilhos, telhas, antefixas e as figurativas como estátuas, etc. eram realizados por hábeis artesãos. Embora tenham restado poucos traços de seus locais de trabalho, é assumido que tinham oficinas estáveis para produção; quando havia pedidos importantes, a produção era realizada no local a ser decorado.

A tarefa começava com a criação de desenhos e modelos ou a manufatura de elementos com moldes e fôrmas para a produção em série de centenas de peças.

Com o passar do tempo, em lugares distantes dos mestres, novos moldes foram criados sobre aqueles já existentes, obtendo-se, assim, objetos similares aos primeiros, mas de tamanho menor.

Uma vez terminada a modelagem, havia a aplicação de cores em fornos ou sem uso do fogo, como afresco na cerâmica.

Após essa fase, estavam prontas para serem fixadas. Caso necessário, eram colocadas indicações no fundo das peças sinalizando a sequência da montagem; mais rara era a impressão de uma estampa com o nome do artesão que havia desempenhado o trabalho.

No caso das telhas, antes de secas e queimadas, aquelas de estilo lacônio eram unidas às partes côncavas e convexas, ou triangulares, de estilo coríntio. As cores das peças não queimadas eram aplicadas após o acabamento, antes de se tornar menos permeável, por uma fina camada de tinta branca.

As antefixas pequenas (ver abaixo) sugerem que elas não eram usadas em edifícios, mas em edículas funerárias (*naiskoi e heroa*) e pequenos santuários.

Dada a quantidade considerável de antefixas encontradas, só um número muito pequeno de moldes restou.

As intervenções dos artesãos nas peças são visíveis: com um estilete, eles definem detalhes da face ou cabelo, tornando a imagem mais vibrante por meio da aplicação de cores.¹

¹ MUSEU ARQUEOLÓGICO REGIONAL DE TARENTO, *painéis em exposição*.

Peças em terracota:

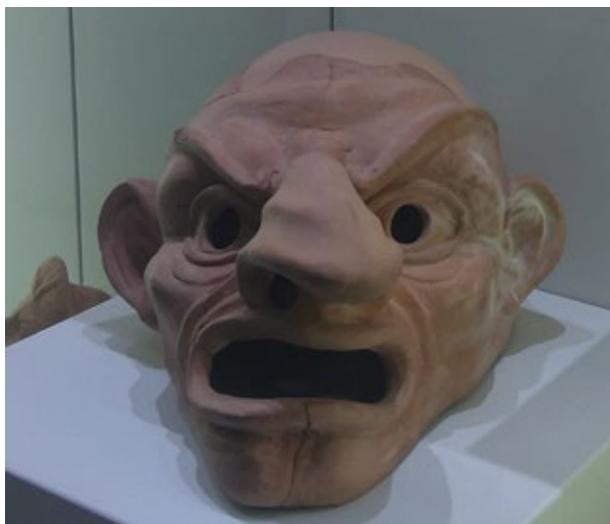


Figura 63 (acima). Máscara teatral que trazia boa sorte. Século II-I a.C.



Figura 64 (acima) recipiente em forma de coelho agachado.



Figura 65. Figura feminina apoiada em pequena pilastra, tendo um manto nos braços. Século IV-III a.C.



Figura 66 (ao lado) acrobata.

Figura 67 (abaixo): homem reclinado sobre um cervo. Metade do século IV a.C.



Figuras 68 e 69. Discos votivos de terracota utilizados em locais de culto e pequenos santuários.

Antefixas

Repertório iconográfico decorativo tarentino dos séculos VI a.C. ao IV a.C., são peças de terracota, circular ou semicircular, colocadas no frontão dos telhados. A representação era, a princípio, da Górgona, cuja função era de afastar o mal (apotropáico), e também de Sileno, fauno filho do deus Pã, mas a partir do século IV a.C. a produção se amplia juntamente com a variedade de motivos: Io (sacerdotisa de Hera, amada por Zeus), Hércules, homens com o chapéu alado de Mercúrio (*petasos*), Afrodite e Eros, o deus-río Aquelaus, etc.

No século VI a. C., as peças eram pintadas de branco, vermelho e marrom, ainda a fresco, antes da queima, daí o nome 'afresco'. Mais tarde, no século IV a.C., ganham cores mais ricas e brilhantes: amarelo, rosa, azul claro e verde claro.²



Figura 70 (ao lado). Antefixa com relevo da Górgona. Século VI a.C.



Figura 71 (ao lado). Sileno. Século V a.C.

² MUSEU ARQUEOLÓGICO REGIONAL DE TARENTO, painéis em exposição.

Figura 72. Deus Pã, representado quando jovem.



Figura 73. Sacerdotisa Io. Século IV a.C.

Museu Espartano

Esse museu não é uma instituição do Estado, que apresenta itens de comprovada origem arqueológica. A exibição é de peças artísticas locais com alusão à mitologia e à ocupação espartana original.

O local é no subterrâneo de um 'palazzo' do século XVII, e a visita teve um cunho de conhecimento arquitetônico e artístico, sendo que as informações apresentadas abaixo carecem de comprovação científica.

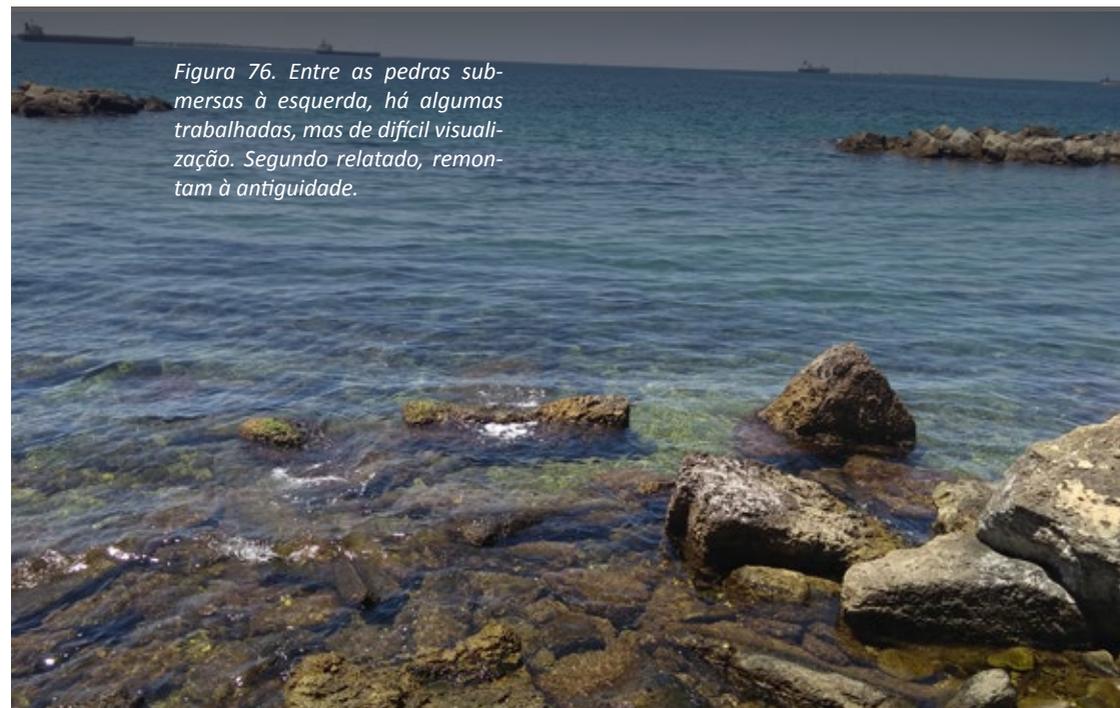


Figura 74 (ao lado). Fosso para armazenamento de água potável na antiguidade.



Figura 75 (ao lado). Segundo a guia, a parte inferior da parede remonta à época espartana na antiguidade, sendo a parte superior, a construção no século XVII.

Figura 76. Entre as pedras submersas à esquerda, há algumas trabalhadas, mas de difícil visualização. Segundo relatado, remon-tam à antiguidade.



Sítio arqueológico de Saturo

Como explicado na p. 56, as circunstâncias não permitiram que Tarento resgatasse ou mantivesse o sítio de sua antiga polis. Ao perguntar sobre a existência de um sítio arqueológico, fui orientado a ir a Saturo, localidade situada 12 km a sudeste de Tarento.

O local, um pequeno promontório entre duas praias, apresenta, em uma área de aproximadamente 20.000m², os vestígios de duas residências romanas, uma torre espanhola do século XVI e uma casamata, provavelmente da 2^a guerra.

Há uma placa, em um trecho, com sinais de ser do Estado, que citam vestígios de um assentamento do século XVIII a.C. e um santuário da acrópole do século VII a.C., mas também se vê que no local existiu um parque temático moderno, mas abandonado. Não encontrei os vestígios indicados pela placa.

Figura 77. Residência romana dos séculos I-VII d.C.



Figura 78. Torre espanhola do século XVI.



Figura 79. Casamata, à esquerda da foto.



As quatro cidades relacionadas acima finalizaram o circuito dos pré-socráticos da escola itálica, mas como ocorreu em 2018 na Turquia, as fontes de informações e conhecimentos em todo entorno do Mediterrâneo são inesgotáveis. Abaixo, também apresento os resultados das visitas às cidades de Siracusa e Roma.

Siracusa

A Cidade

Os primeiros assentamentos na região remontam entre o fim da idade do bronze (séculos XIV - IX a.C.) e início da idade do ferro (século IX a.C.), com a organização proto-urbana, onde se acharam sítios de habitações e tumbas. Dada à proximidade de grandes assentamentos pré-históricos como Pantália, Tapsos e Cassibile, é provável que a área de Siracusa também tenha certa importância.

No século VIII a.C., a região foi afetada pelas políticas expansionistas da Grécia, com a procura de novas terras e suprimentos, ocasionando um rápido e excessivo aumento populacional. Os gregos conquistaram novas áreas, estabelecendo novas colônias. Assim, em 754-753 a.C., gregos de Corinto, liderados por Arkia, fundaram a colônia de Siracusa, que logo floresceu como uma grande, rica e poderosa cidade, que muitos historiadores chamaram de 'metrópole'.

Entre os séculos VIII e VI a.C., a cidade, agora grega, expande-se e cria suas próprias colônias: Herolus, Acrae, Kasmenai e Camarina.

Em 485 a.C., após a população forçar a saída da aristocracia do poder, quem o assume é Gelão I, da família Dainômenida da cidade de Gela, mantendo-se como tirano por um longo período. Nessa época, o conflito com Cartago deixa marcas na vida da cidade, os cartaginenses finalmente são derrotados por Siracusa na batalha de Himera. Como comemoração da vitória, é erguido o templo de Atenas na ilha Ortígia, onde hoje está a catedral de Nossa Senhora. Após a morte de Gelão, sobe ao poder Hierão I, que adota uma política expansionista, fundando colônias adicionais e desenvolvendo as artes, ciências e filosofia; ocasião na qual a cidade conheceu o esplendor com a construção de muitos monumentos. Platão visita a cidade em 388 a.C.

Entre 496 e 357 a.C., são exercidas as tiranias de Dioniso I e Dioniso II, e construção do teatro, onde provavelmente Ésquilo encenou a peça *Os Persas*.

Em 287 a.C., nasce Arquimedes, matemático, físico e inventor. Com a ascensão ao poder de Hierão II, em 275 a.C., a cidade experimenta outro período de prosperidade, quando é construído um altar para Hierão II e o teatro é remodelado. A guerra púnica, entre Roma e Cartago, causa influência em Siracusa que se torna aliada de Roma. Em 212 a.C., o general romano Marcos Claudio Marcello invade Siracusa, que se torna província de Roma. Arquimedes é morto durante o saque da cidade.

Sob o domínio de Roma, é construído o anfiteatro romano.

Uma das mais antigas comunidades cristãs do ocidente é fundada em Siracusa, sendo Lúcia, nascida em 285 d.C., martirizada pela perseguição aos cristãos realizada pelo imperador Diocleciano. Mais tarde Lúcia foi canonizada.

Com a queda do império romano, Siracusa também experimenta o declínio, tendo sido invadida por vândalos e ostrogodos.¹

Museu Arqueológico Paulo Orsi

Esse museu é o segundo em importância da Sicília. Diferentemente de outros museus arqueológicos, o acervo conta com rochas formativas da crosta terrestre e geologia da região, apresentando também estudo da fauna de 900.000 anos atrás.

O museu também apresenta esqueletos de animais e reconstitui ferramentas utilizadas na Pré-História.

¹ PARQUE ARQUEOLÓGICO DE SIRACUSA, Guia Impresso, *Um Olhar Para Atrás na História*, tradução do italiano para o inglês por Julia H Weiss, Itália, Sillabe s.r.l. www.sillabe.it, 2017, p. 4-5 (tradução nossa).



Figura 80. Dois esqueletos de pequenos elefantes que alcançavam 90 cm de altura, *Palaeoloxodon falconeri*. Havia outras espécies, de tamanhos intermediários e mesmo grandes, como os atuais. Além disso, a Sicília tinha quatro espécies de hipopótamos, cervos e abutres entre outras. Baseado em estudos de AZZAROLI (1982), a fauna insular diverge daquela continental, com ausência de carnívoros; grandes mamíferos apresentam diminuição de tamanho, acentuada em alguns casos; ocorrendo o inverso com pequenos mamíferos, que aumentaram de tamanho; alguns pássaros cresceram a ponto de perder a capacidade de voo.



Figura 81 (ao lado). Reconstituição de ferramentas do neolítico para retirada da peles de animais.

Figura 82. Gráfico exibindo a distribuição de espécies no Neolítico, na costa da Sicília.

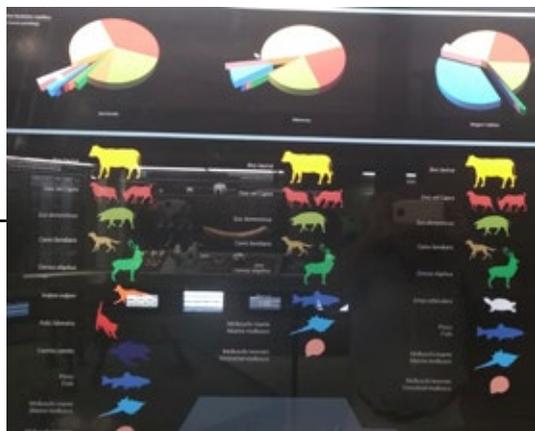




Figura 83. Discos de marfim, para adorno do cabelo feminino, encontrados em tumba, que revela a grande habilidade do artista. Século VII a.C.



Figura 84 (ao lado). Lage, porta de tumba que se acredita ser o diagrama do ato sexual. Início da idade do Bronze. Séculos XXII-XV a.C.

Figura 85 (abaixo). 25 figos de terracota servindo de oferenda funerária encontrados em tumba. 525-500 a.C.





Figura 86 (ao lado). Asa de marfim. Século VI a.C.

Figura 87 (abaixo). Pregos de bronze encontrados em tumba.



Sítio Arqueológico Neapolis

O sítio foi criado entre 1952 e 1955, após os trabalhos de escavação e publicação dos trabalhos do arqueólogo Domenico Pietrasanta, em 1840. Está localizado sobre o monte Temenite, tendo ao norte o teatro grego e o *nymphaeum*, uma fonte monumental no topo do monte; e ao sul a pedreira *Latomie* (do grego *lithos*, pedra, e *temnos*, cortada).

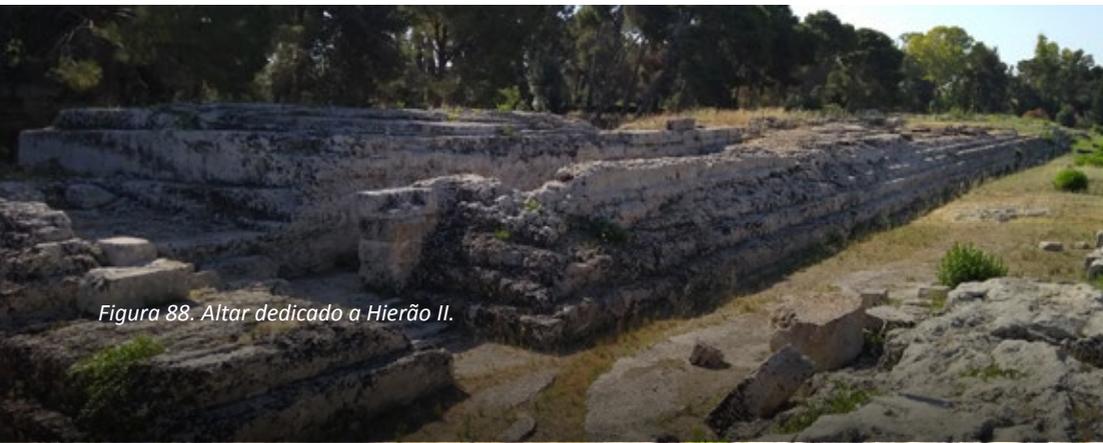


Figura 88. Altar dedicado a Hierão II.



Figura 89. Maior teatro grego sobrevivente do ocidente. Possuía acústica perfeita e podia acomodar mais de 18.000 pessoas. Na foto, sendo preparado para espetáculos noturnos que ocorrem no verão, assim como no sítio arqueológico de Agrigento

Figura 90. Local acima do teatro, conhecido como ninphaeum devido à fonte que jorra no topo do monte. Defronte à fonte, no século III a.C., Hierão II ergueu uma cobertura com colunas (stoa) dedicada às musas. No início do período cristão, as cavidades foram utilizadas como tumbas. Os comentários que acompanham as figuras 89, 90 e 92 são baseados no guia impresso, ver nota 1, pg. 67.





Figura 91. (acima). Fonte (ninphaeum)

Figura 92 (ao lado). A antiga 'Caverna da Fala' foi rebatizada por Caravaggio, durante uma de suas visitas, como 'Orelha de Dioniso', baseado em Cícero (Verrine, século I a.C.), que narra que o tirano Dioniso prendia seus inimigos nessa caverna, que devido à excepcional qualidade acústica, ouviam-se até simples sussurros de seu interior.



Figura 93. Gruta dos cordoeiros. Usada pelos fabricantes de cordas no século XVII.

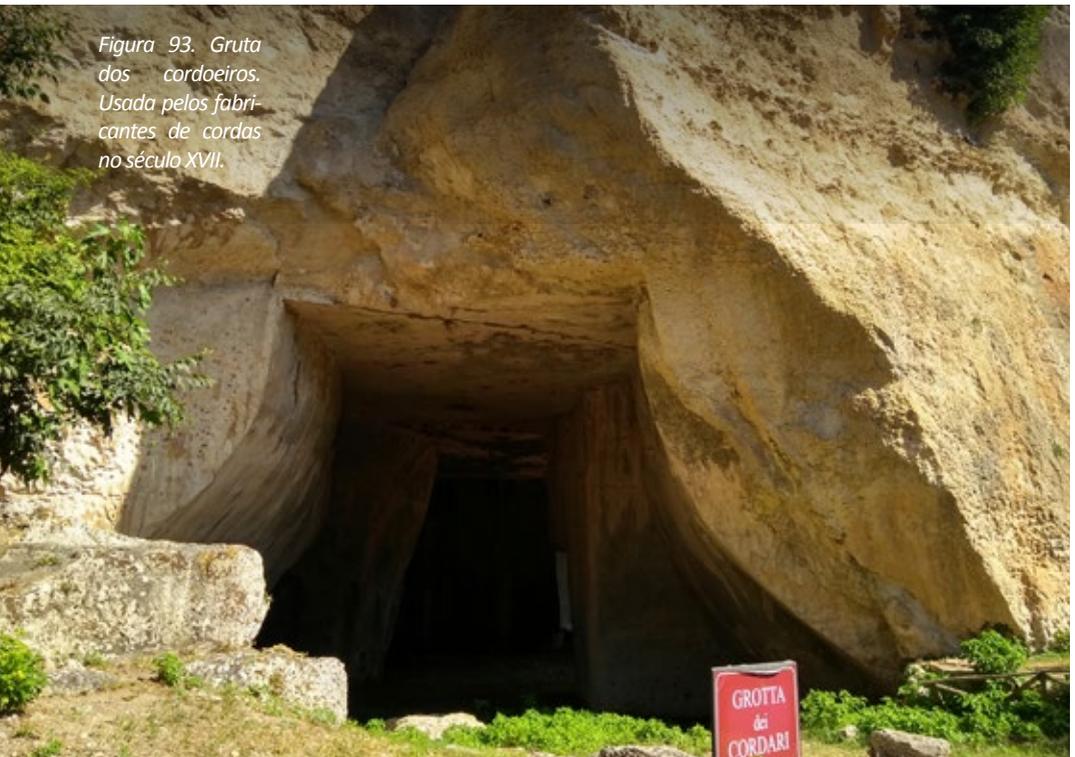




Figura 94. Anfiteatro romano.

Ilha Ortigia



Figura 95 (acima). Maquete em recorte exibindo a colunata e cobertura do templo de Apolo.



Figura 96. Templo de Apolo. Século VI a.C.



Figura 97. Maquete do templo de Apolo (figuras 95 e 97 a 99: Museu Paulo Orsi).



Figura 98. Provável templo dedicado a Ártemis. Um dos cultos mais antigos da ilha. 520 a.C.



Figura 99. Templo de Atenas. 480 a.C. Ver quarto parágrafo, p. 38.

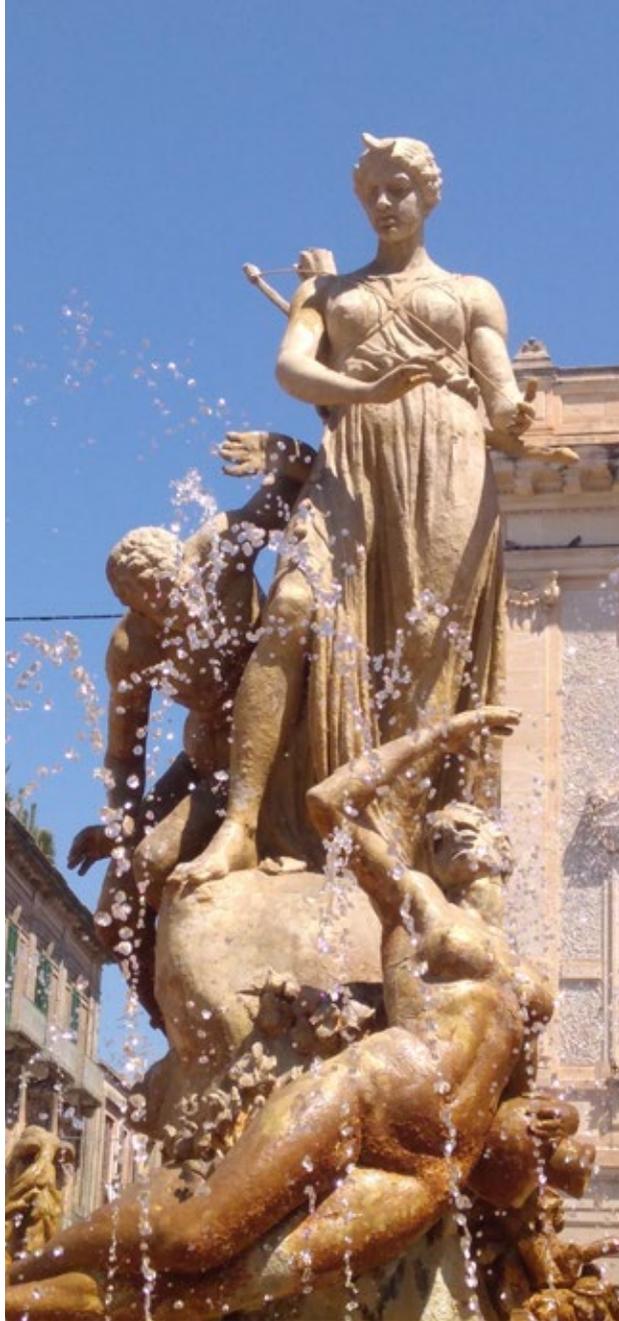


Figura 100. Monumento criado por Giulio Moschetti em 1907. “[...] Vi (o deus-rio Alfeu), em meu encalço, uma sombra alongar-se; ou o meu medo a via; mas, me aterrava o som de seus pés, e a arfante boca soprava as fitas de minhas madeixas. Da fuga exausta, digo: “Serei pega, ajuda, Diana*, tua escudeira, a quem sempre deixaste levar teu arco e teus dardos dentro da aljava”.

A deusa comovida, espessa nuvem toma e joga sobre mim; coberta pela névoa, o rio me procura, ignaro, em torno à nuvem e duas vezes ronda o lugar onde a deusa me ocultara e “Aretusa, Aretusa”, chamou-me.

Frágil, tive coragem? Talvez a da ovelha ao ouvir os frementes lobos sobre o estábulo; ou da lebre que, do espinhal, vê as hostis bocas dos cães, e não ousa mover o corpo?

Mas, ele não se afasta; pois não viu sinal de pé à frente; observa a nuvem e o local.

Um suor frio invade-me os membros vexados, e caem do meu corpo umas gotas cerúleas; onde o pé toca, mana água e meu cabelo orvalho verde e os fatos te conto rápido, em fonte sou mudada. E porque reconhece a água amada, o rio larga o rosto humano e volta a ser corrente para a mim se unir. Délia** rompe a terra, e eu, imersa em cegas grutas, chego à Ortígia, primeira a me erguer no ar, e leva o nome da querida deusa” [...].¹

* Diana para os romanos, Ártemis para os gregos; ** epíteto de Ártemis, de Delos, brilhante.

¹ OVÍDIO, *Metamorfoses*, Livro V, 614-641, Tradução de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho. Disponível em <http://www.usp.br/verve/coordenadores/raimundocarvalho/rascunhos/metamorfosesovidoraimundocarvalho.pdf>. Acesso em 16 de agosto de 2019.

Tecno-Parque Arquimedes

Esse parque não é mantido pelo Estado, e sim fruto de empreendimento particular, cujo atual administrador é filho do fundador.

Embora tenha importância científica, histórica e educacional, não se percebe o interesse da municipalidade em fomentar o parque, faltando até indicações básicas da sua localização por meio de placas, etc. O parque está situado, para quem vem do centro de Siracusa, atrás do sítio arqueológico Neapolis.

Nele, constam dezenove invenções, nas quais o cientista, em seus inventos, explora a energia potencial em arcos, cordas, água e torção da madeira, cuja liberação súbita se transforma em energia cinética, além dos raios solares.

Há ainda reproduções de seus estudos de formas geométricas.

O Homem e Sua Época



Figura 101. Estudo de Arquimedes sobre cones e planos.

O que torna Arquimedes uma figura única é a compreensão de sua inserção cultural. Por que os gregos, uma admirável civilização sob muitos aspectos, era pobre do ponto de vista de invenções tecnológicas? Uma das razões estava na percepção que se tinha do trabalho, pois o homem livre deveria cuidar da administração, da gestão da polis, sendo relegada aos escravos toda tarefa manual, como informa o painel no parque: 'o escravo era a máquina'! Não deixa de ser revelador que a história de vida de dois filósofos da antiguidade esteja ligada a essa realidade e mostre a base de suas escolas.

Platão pertencia à classe

alta de Atenas, membro de uma família tradicional; e sua filosofia é baseada em um mundo de ideias e de pensamento.

Aristóteles, por sua vez, era filho de um médico. É possível imaginá-lo acompanhando o pai em suas preparações de rústicos medicamentos, baseados em animais, plantas e minerais. Essa atitude de pesquisa da natureza talvez tenha influenciado o pensador a ser o ‘pai da biologia’ ao descrever espécies animais e vegetais, o que não deixa de ser um trabalho manual e empírico, distante de especulações mentais.

A existência do parque tem um vínculo com o que é tratado aqui, pois questiona: por que uma exposição para um pesquisador do século III a.C.? E a resposta é reconhecer sua grandeza; retirar o caráter anedótico de Arquimedes, de sua descoberta súbita de um problema, gritando ‘Eureka!’¹ e sair nu a correr pela cidade!

Importante notar que o imaginário greco-romano sobre o trabalho tem sobrevivido durante a Idade Média e Moderna, e se pode afirmar que somente após a revolução industrial é que o trabalho deixou de ser algo indigno, destinado a inferiores.

Arquimedes



Figura 102. Lente convergente de raios solares.

¹‘Descobri!’, do verbo grego *euriskó*, descobrir – PEREIRA, 1998, p. 824.

Fontes árabes citam que Arquimedes, em 255 a.C., viajou à Alexandria a pedido do rei Ptolomeu para ensinar cálculos de área baseados em triângulos; segundo outras fontes, para ensinar engenharia evitando as inundações do Nilo. *Considero essas informações questionáveis, pois não se deve esquecer que a civilização egípcia na época possuía 3.000 anos de história, além disso, a base da riqueza do Egito foi justamente o controle das cheias do Nilo.*

Alexandria possuía importante escola de mecânica, com expoentes como Ctésibios e Hélon de Bizâncio, embora se desconheça se Arquimedes tratou com esses mestres.

Em 240 a.C., ele retornou para Siracusa, enviando a seu amigo Conon – que faleceu nesse mesmo ano – problemas de matemática.

Grande parte dos inventos de Arquimedes tem vínculo com a situação política e militar da época, pois durante as guerras púnicas, entre Cartago e Roma, Siracusa se manteve ora como aliada de Cartago, ora de Roma, até ser invadida por Roma em 212 a.C. (ver p. 66).

Painéis citam os testemunhos, sobre Arquimedes, de Pappus, matemático de Alexandria na antiguidade, do prof. Pascolino, da universidade de Pádua, e de Guidobaldo do Monte, professor de Leonardo da Vinci, testemunhando que o inventor transformou a mecânica ‘de uma arte vil’ em uma ‘nobre e estimada arte’.²

² TECNO-PARQUE ARQUIMEDES, *Painéis expostos no parque.*



Figura 103 (acima). Gravura de Arquimedes.



Figura 104. Detalhe das engrenagens idealizadas por Arquimedes.

Figura 105 (abaixo). Sistema de moinho criado por Arquimedes, utilizando a queda d'água, que ao movimentar a roda d'água, gira um eixo, que ligado a engrenagens, faz girar uma pedra sobre a outra, moendo grãos.



Duas das descobertas clássicas de Arquimedes:



Figura 106. Balança que exibe sua descoberta de que a massa de uma substância é vinculada ao volume, no caso, alterando o volume original da água.

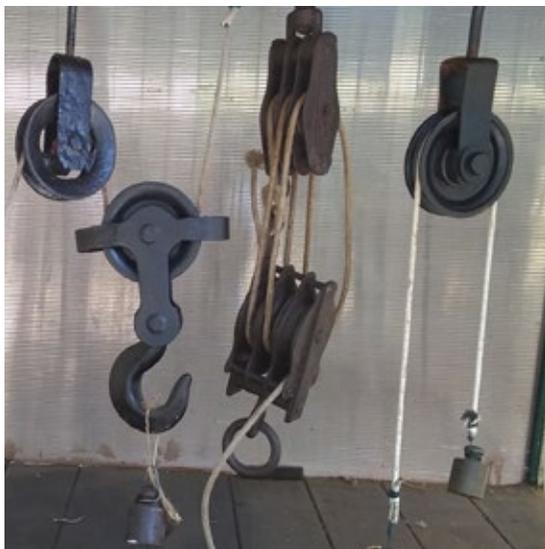


Figura 107. Sistema de polias que diminui progressivamente a força necessária para erguer ou mover um objeto, fonte de sua expressão 'dê-me um apoio e moverei o mundo!'.



Figuras 108 e 109. O relógio de água (clepsidra) de Arquimedes. O ponteiro de horas, ligado ao eixo à direita de madeira, é movido pelo lento esvaziar, ou encher do tanque.



Figuras 110 (acima). A cochlea, sistema de elevação de água usando o princípio do plano inclinado (parafuso). Ao girar a manivela, a água é levada de um reservatório inferior, para um superior.



Figura 111 (acima). Na parte superior do mecanismo, o 'parafuso' interno.

Figura 112. O scorpão, dispositivo de lançamento de flechas. A peça inclinada à esquerda era envergada por cordas. Na antiguidade, era feita de intestinos de carneiros. Na pequena torre à direita, nos nichos, eram colocadas flechas. Ao soltar subitamente a peça de madeira, o golpe arremessava as flechas. Como a energia estava mais concentrada na ponta da madeira e menos na base, as flechas tinham tamanhos diferentes – as menores embaixo, fazendo com que todas atingissem igualmente o alvo. O nome da peça era devido à semelhança entre a calda do escorpião e a peça curvada.



Roma

Ao pesquisar sobre os museus de Roma, o sítio eletrônico apresenta quatro unidades: Palazzo Massimo, Palazzo Altemps, Cripta Balbi e Termas de Diocleciano.

Roma, entretanto, por ser a capital de um dos maiores impérios que já existiram, apresenta núcleos arqueológicos em constante exploração: a área de Tito; o mercado, fórum e torre de Trajano, além da torre Argentina, entre outros.

A visita, entretanto, começou por um museu que informa sobre os etruscos.

Museu Etrusco Villa Giulia

Quem Foram os Etruscos?

Diferentes teorias, entre mito e história, identificam os etruscos com os misteriosos e ‘nômades’ pelasgos¹. Heródoto os liga aos lídios, que deixaram a Ásia Menor devido à fome, após a queda de Tróia. De acordo com Lívio, eram oriundos da Europa central.

Dioniso de Halicarnasso os considera um povo nativo da própria Itália, separados de outras populações pela cultura e linguagem próprias, que eram desconhecidas até poucas décadas atrás, o que contribuiu para a criação do ‘mistério’ em torno dos etruscos. Atualmente, o vocabulário, estrutura gramatical e pronúncia são bem conhecidos.

Independentemente da sua origem, essa cultura encontrou terras férteis e criou uma entidade política entre a Toscana e o Lácio, expandindo-se pelo vale do rio Pó e pela Campânia.

Eram organizados em cidades estados independentes e, a cada ano, representantes de todas as cidades se encontravam no santuário de Voltmuna, próximo de Orvieto. Nessas ocasiões, de-

¹ O sentido de *pelasgos* aqui deve ser entendido como povos indígenas ou autóctones.



Figura 113. Mapa da Itália destacando a área de influência etrusca (em marrom) e a grega (em verde).



Figura 114. Território da Etrúria. As atuais cidades de Orvieto e Arezzo são remanescentes do período etrusco.

cisões políticas e militares eram tomadas pela comunidade.

Foram famosos como mestres em hidráulica, sendo muito religiosos e hábeis nas artes, música, dança e poesia, que acompanhavam suas cerimônias sacras e banquetes profanos.

Era uma sociedade ‘moderna’, na qual as mulheres participavam da vida pública, em igualdade com os homens. Essa liberalidade foi a razão de comentários maliciosos por autores gregos sobre a ‘imoralidade’ dos etruscos.

O sistema social, político e a cultura etrusca influenciaram outros povos do Lácio e até de Roma, cuja monarquia adotou costumes e sinais exteriores daquele povo, tais como a coroa dourada, o trono e fâscio*.

* Feixe de canas e fitas que envolviam um machado, símbolo de autoridade. Era carregado por um lictor.

História

A história etrusca é dividida em períodos (idades):

- Vilanova: séculos IX-VIII a.C., desenvolvimento de centros protourbanos;
- Influência Oriental: 720-580 a.C., estabelecimento de cidadãos gregos nas cidades etruscas;
- Arcaica: 580-480 a.C., estabilização do domínio etrusco na região;
- Clássica: 480-320 a.C., conflitos com Roma, aliança com gregos contra Siracusa e gradual perda do domínio de território;
- Helenística: 320-27 a.C., a partir de 295 a.C. aumentam as incursões romanas em constantes perdas para os etruscos. Em 41-40 a.C., fim da nação etrusca.

Do ponto de vista cultural, as idades podem ser divididas em:

- Vilanova: cremação de mortos, aumento populacional e diferenciação social; chegada de fenícios e gregos; desenvolvimento da agricultura e uso de recursos minerais; substituição da cremação pela inumação;
- Orientalizante: surgimento da aristocracia; adoção do alfabeto; desenvolvimento de artigos cerâmicos e pinturas em interiores; intensas trocas com gregos e fenícios e adoção de costumes gregos: banquete, cultivo do azeite e uva e a crença em divindades e mitos daquela cultura;²
- Arcaica: construção de templos e moradias com estátuas; estruturação urbana das cidades; desenvolvimento de objetos de bronze e estatuária funerária; diversificação de objetos cerâmicos.
- Clássica: influência da arte grega; primeiros sarcófagos de pedra; diversificação de artigos de bronze e cerâmica etrusca com figuras vermelhas; construção de templos e monumentos;
- Helenística: arquitetura templária e frontões fechados; grande produção de ex-votos (oferendas devocionais) e religiosidade popular, sarcófagos em terracota e declínio da pintura funerária.

² Fotos e textos obtidos em *painéis em exposição*.

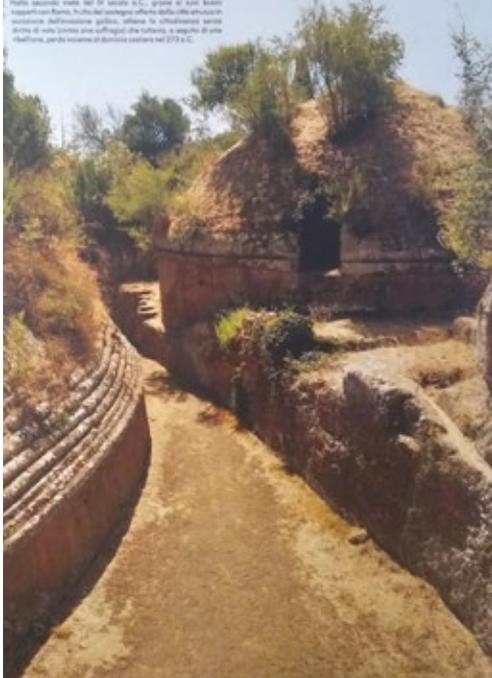


Figura 115. Recuperação arqueológica de uma parte da cidade de Cerveteri.



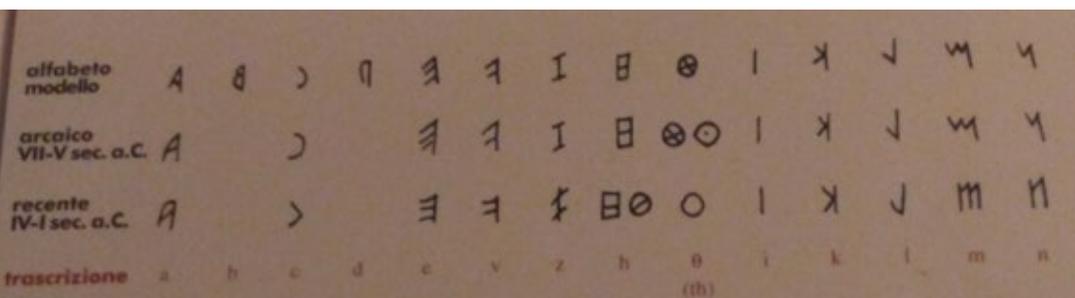
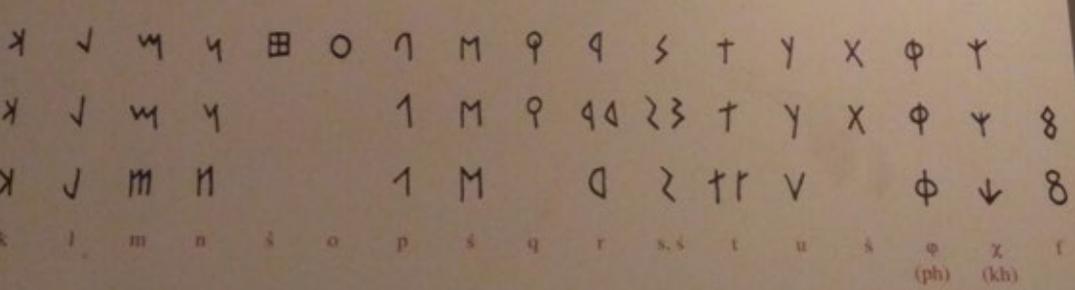
Figura 116. Achados na necrópole da 'Osteria', 'taberna', tumba do 'carro de boi'. 680-670 a.C.



Figura 117. Estrutura de uma cabana da idade do Ferro.



Figura 118. Aldeia da primeira idade do Ferro.



Figuras 119 e 120. Alfabeto etrusco em diferentes épocas e sua transcrição para o alfabeto moderno.

Origens e Compreensão do Alfabeto Etrusco

Fontes clássicas citam breves referências à transmissão das letras gregas para a Itália [...]. Na tradição romana, citada por Tácito, atribui-se a introdução do alfabeto grego na Etrúria pelo grego Demarato que se mudou para Tarquínia em 650 a.C., e é da Tarquínia que se tem a mais antiga inscrição em etrusco, entretanto data de 700 a.C., portanto meio século antes da chegada de Demarato.

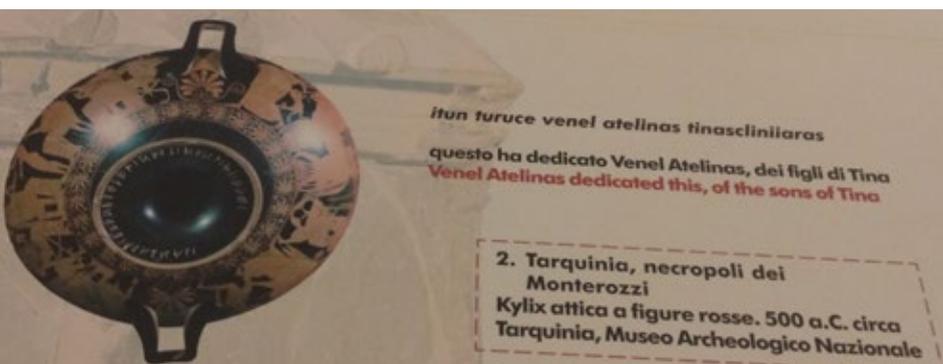


Figura 121. No fundo da peça uma dedicatória, 'os filhos de Tina dedicam isto à Venel Atelinas'.

O alfabeto etrusco é baseado naquele da ilha Eubeia (segunda maior ilha do arquipélago grego), e provavelmente se desenvolveu em vários lugares na costa sul da Etrúria pelo fim do século VIII a.C. em um contexto bilíngue, pois há evidências do contato de etruscos e gregos na ilha de Ísquia (região do golfo de Nápoles) e Cumas (Campânia). Essa origem é revelada pela presença das letras lambda – invertida – mi e chi, elementos que foram encontrados na mais antiga inscrição do alfabeto eubeio, no chamado ‘copo de Nestor’ (750-725 a.C.) encontrado no cemitério de Pitecusa, na ilha de Ísquia.

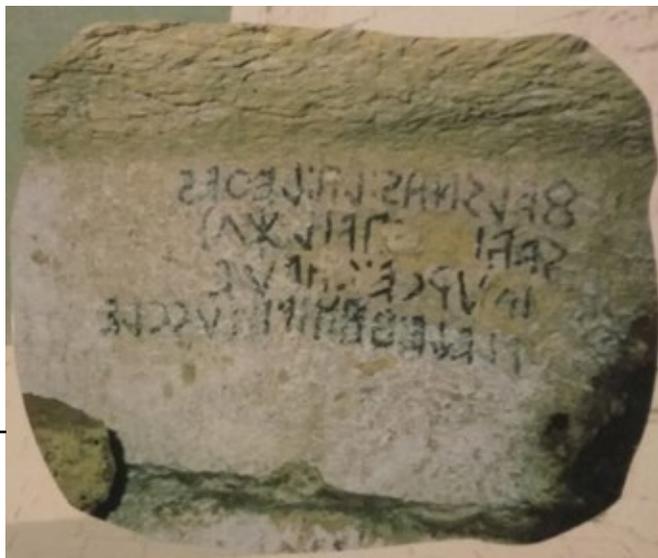


Figura 122. Exemplo de escrita etrusca, ‘Felsnas Larth, de Lethe, viveu 106 anos -?- em Cápua -?- de Anibal’.

As dificuldades do entendimento da língua se devem à brevidade dos textos encontrados, principalmente funerários e repetitivos; pequeno número de textos bilíngues latino-etruscos; pequeno número de traduções de palavras simples etruscas em grego e latim; e, finalmente, à impossibilidade de comparar palavras e a estrutura da linguagem com outras línguas conhecidas.

Essa dificuldade levou especialistas a definirem, insatisfatoriamente, o etrusco como ‘pré-indo-europeu’, ‘proto-indo-europeu’ ou ‘peri-indo-europeu’. Hoje, há concordância entre estu-

diosos que a estrutura é não-indo-europeu, totalmente diferente das línguas clássicas.

O único texto comparável é não grego. Foi encontrado na ilha de Lemnos, no norte egeu, na estela funerária de Kamínia, do início do século VI a.C., o que confirma a relação entre esses povos. O texto é mais longo, porém problemático: a similaridade se dá no sistema de fonemas, inflexão das palavras (morfologia) e léxico.

Inicialmente, restrita à aristocracia, a escrita ganhou notoriedade com o desenvolvimento urbano e importância dos santuários, que foram também centros culturais e escolas de escrita, espalhando-se, assim, entre as classes sociais; a tabuleta sobrevivente, denominada Marsiliana D'Albegna, é um exemplo, além de outros em couro, madeira e tecido.

Em habitações, santuários e cemitérios têm sido encontrados escritos (ver figura 124) com palavras semíticas e gregas, do século VII ao II a.C., provavelmente com valor mágico-religioso.

Além de representar um símbolo do conhecimento da escrita, eles não podem ser considerados como simples exercícios de escrita ou elementos decorativos, pois aparecem em cerâmicas, mobiliários, paredes de tumbas e em outros contextos. A apresentação das letras muda com o tempo.

A escrita etrusca, comumente, era efetuada da direita

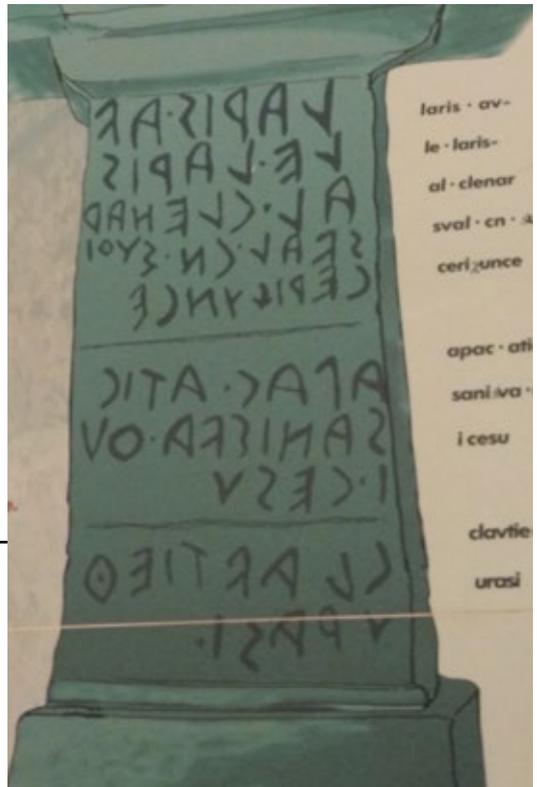


Figura 123. Lápide na qual se lê: 'Laris (e) Avle filhos de Laris construíram esta tumba quando vivos, e o pai e a mãe estão sepultados aqui, da (família) Clavtie'.

para a esquerda, do período arcaico ao período romano, mas também se encontram escritas da esquerda para a direita. Nos séculos VII e VI a.C., a escrita era contínua, sem espaços separando as palavras e com uso limitado de pontuação para separar sentenças, além de as letras serem finas e compridas. Nos séculos seguintes, a pontuação separava as palavras, tornando-se usual uma ou duas marcas, as letras se tornam mais grossas e regulares. Um tipo particular de pontuação surge em vários locais, por volta dos séculos VII e V a.C., isolando consoantes e vogais em posições específicas por meio de marcas, provavelmente refletindo métodos de ensino baseado em sílabas.

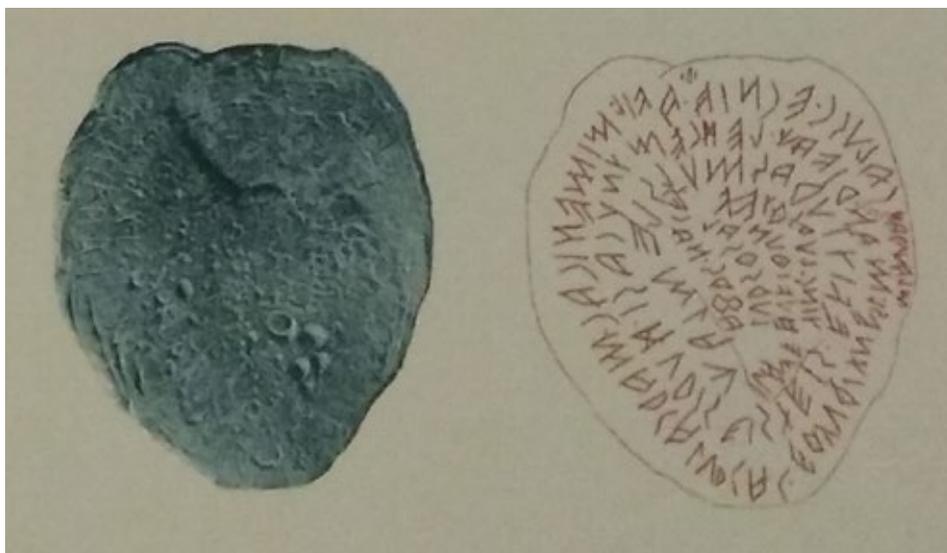


Figura 124. Texto com intenção mágico-religiosa. Ver texto na página anterior.

Desde o início do século XIX, tem sido possível ler a escrita etrusca, sendo conhecido cada signo do alfabeto. Isso foi resultado de um longo estudo que começou no Renascimento, quando, em 1444, foram encontradas as ‘tabelas de Iguvine’: sete placas de bronze com linguagem da Úmbria e sinais etruscos e latinos, dando início aos primeiros estudos do alfabeto, que tentavam interpretar o crescente número de inscrições.

Ânio de Viterbo, em 1498, na obra *Antiquitatum Varia-*



Figura 125. Muito difundido eram os espelhos de bronze. Nesse, encontrado em uma necrópole, entre 475-450 a.C., lê-se os nomes: Turan, Helena, Hermione e Alexandre.



Figura 126. Estela pública informando o limite da cidade. Essas peças levavam o nome da autoridade responsável pelo levantamento dos limites.

rum Volumina XVII, realiza várias tentativas de leitura e tradução comparando com o hebreu, considerada no período, a genitora de todas as línguas. Essas tentativas continuaram nos séculos XVI e XVII. O século XVIII deu um passo crucial na transliteração de letras etruscas na tradução correta de algumas palavras, graças aos trabalhos de eruditos como Filippo Buonarroti, que prestou atenção nas diferentes características epigráficas; a Anton Francesco Gori, pelo profundo entendimento do alfabeto, oferecendo um valor final a oito caracteres, e sobretudo Luigi Lanzi, em amplo ensaio no reconhecimento do sinal 'M'.

Quando, em 1833, R. Lepsius acertou a correspondência de um sinal com a letra 'z', a leitura final do alfabeto pôde ser considerada completa; estudos recentes melhor definiram peculiaridades geográficas na forma das letras com o preciso período cronológico.³

³ Painéis em exposição.



Figura 127. Bastões de bronze – e gravuras de 1765 – mostrando arúspices com o típico chapéu cônico, sacerdotes ou adivinhos etruscos que inspecionavam vísceras de animais, voos de pássaros e o firmamento noturno como forma de oráculo.

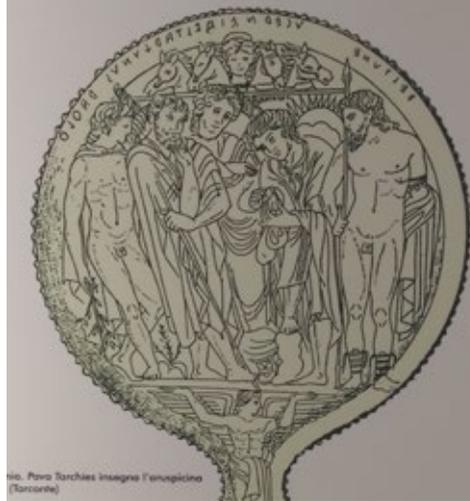


Figura 128. Espelho de bronze representando arúspice observando víscera. Os arúspices foram mais um legado etrusco para a cultura de Roma.



Figura 129 (ao lado). Queimadores de incenso de bronze. Séculos VI-V a.C.

Figura 130 (abaixo). Urna funerária de bronze, para cinzas, na forma de típica cabana etrusca, com elementos decorativos. No alto, o 'barco do sol' tendo o disco solar à frente e cabeças de pássaros ao longo do barco. O motivo, amplamente espalhado nas civilizações meso-europeias do período, simboliza as mudanças de estações e renovação do ciclo de vida. Primeira metade do século VIII a.C.





Figura 131 e 132. 'Sarcófago dos esposos'. Encontrado em 1884 na necrópole Banditaccia com mais 400 itens. Contém as cinzas de dois mortos e o estilo é um divã reclinado (kline), reproduzindo um banquete com o par semirreclinado, de acordo com o gosto oriental. O tema do banquete era frequente entre a aristocracia, destacando a posição social e riqueza e refletindo antigos ideais de rituais inspirados na cultura grega. O estilo da peça é jônico, e é do período entre 530-520 a.C. Importante destacar que a peça tem escala 1:1, ou seja, escala real.



Figuras 133 e 134. Pintura e alto relevo reproduzindo banquetes. No etrusco, as mulheres participavam ativamente, diferente do banquete grego.



Figura 135. Villa Giulia. Fachada do edifício.



Figuras 136 e 137: Villa Giulia. Jardim e interior.

Museu Palazzo Massimo



Figuras 138 e 139. Trechos de pintura mural da vila de Livia Drusilia, esposa de Otaviano, 30-20 a.C., descoberta em 1883. O estilo destaca a importância da arte dos jardins (ars topiaria) que fez sucesso no tempo de Augusto refletindo os tempos felizes da era de paz desse imperador.



Figuras 140 e 141. Exemplos do estilo de pintura mural romana.



Figura 142. Detalhe do alto-relevo do teto.

Figura 143 (ao lado). Decoração de um dos ambientes da Villa Farnesina, da época de Augusto, provavelmente de propriedade do general Marcus Vipsanius Agrippa.





Figuras 144 e 145 Sala exibindo bustos sobre pilares (hermae). Pelo estilo da apresentação, sabe-se a época da criação: a figura à esquerda entre 30 e 70 d.C. e a da direita 117-138 d.C., este último, pela semelhança, acreditase ser do imperador Adriano.*

** As hermae eram pilares quadrados dedicadas ao deus Hermes, originários na Grécia clássica e uma evolução do 'betilo' do período arcaico. O betilo era uma pedra sagrada que representava a casa do deus ou o próprio deus, que protegia os caminhos e entradas das casas. No período helenístico e romano, passou a representar outras deidades como Dioniso, em mármore e bronze.*



Figuras 146 e 147. Relevos representando províncias de Roma: à esquerda, a Trácia – reconhecida por constar em moedas - e à direita, o Egito – cujo manto e diadema são símbolos da deusa Isis. O conjunto decorava o templo de Adriano, erguido pelo imperador Antonino Pio, em 145 d.C.

Figura 148 (abaixo). Mármore funerário dos esposos, da família Décio. Eles mantêm um aperto de mão cerimonial (dextrarum iunctio). No centro, uma criança segura uma pomba, símbolo da pureza da alma. 100 d.C



Figuras 149 e 150 (abaixo). Hermafrodita dormindo. Cópia em mármore, meados do século II d.C., de um original da escola da Ásia Menor, meados do século II a.C.



Figura 151 (acima). Cópia em mármore, 250 d.C., do discóbolo em bronze do escultor grego Miron (450 a.C.). É a única peça quase totalmente preservada.



Figura 152 (acima). Bronze representando o deus Dioniso, do período do imperador Adriano, 117-138 d.C.

Figura 154. Bronze representando a 'nudez heróica'. É incerto se representa um nobre do período helenístico, séculos III-II a.C., ou um eminente romano do período republicano, séculos II-I a.C.



Figura 153 (acima). Sarcófago representando cena de batalha, cerca de 180 d.C., provavelmente de Aulo Júlio Pompilio, oficial de Marco Aurélio, na batalha contra tribos germânicas entre 172-175 d.C.





Figura 155. 'Pugilista em repouso'. Período helenístico tardio, séculos II-I a.C., inspirado em um trabalho do escultor grego Lisipo, do século IV a.C.

Museu Altemps



Figura 156. Júlio César. Embora represente um personagem da antiguidade, o trabalho é do século XVI, sendo a cabeça de bronze e o manto de calcário da região de Kotor, Mântua, nordeste da Itália.



Figura 157. Aristóteles. A cabeça é da época do imperador Adriano, cópia baseada em bronze do escultor Lisipo. A capa de alabastro, estilo militar, foi acrescentada em restauração na época moderna.



Figura 158. Busto do imperador Marco Aurélio. Cabeça de bronze, cópia de estátua equestre do Capitolino, colocada sobre o busto de porfírio vermelho do século IV d.C.



Figura 159. Dioniso e um sátiro, estilo apolíneo. Cópia romana, 160-180 d.C., baseada em original grego do século IV a.C. Provavelmente pertencente aos banhos de Constantino.



Figura 160. Urania, musa da astronomia. Cópia do século I d.C., baseada em original de Filiskos de Rodes do século II a.C. Em restauração do Renascimento, foi colocado o globo, atributo da musa.



Figura 161. Cabeça de Hera, para estátua colossal. Estudos críticos a identificam como Antonia Menor, mãe do imperador Claudio, falecida em 37 d.C.; e outros, como Livia, esposa de Augusto.

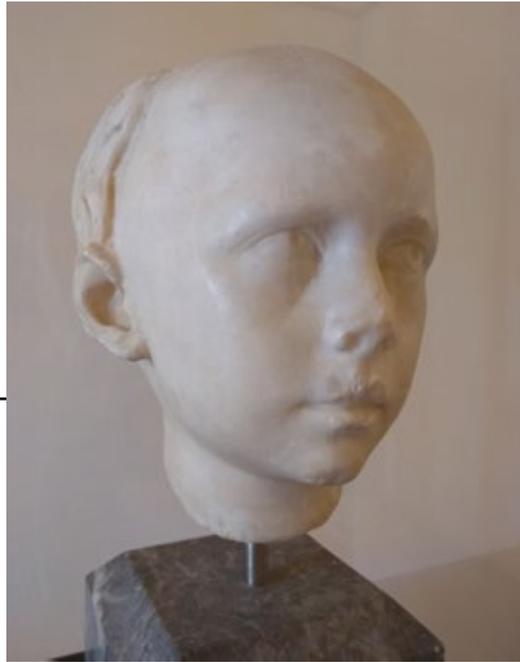


Figura 162 (ao lado). Estátua de cabeça de menino consagrado à deusa Isis, com a típica mecha de cabelo lateral. Primeiro quarto do século III d.C.

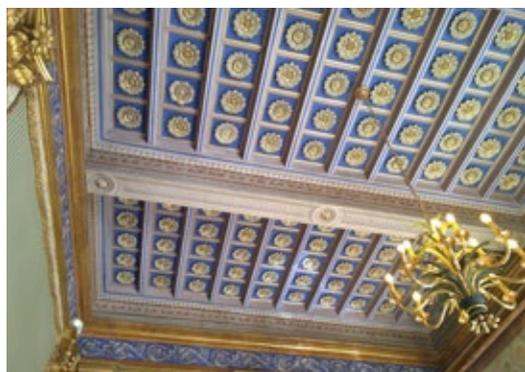


Figura 163. Touro sagrado Ápis, adorado em Mênfis, no Egito, com o disco solar e a deusa serpente (ureu) entre os chifres. Século II a.C.



Figura 164. Pátio interno do Palazzo Altemps, onde funciona o museu. O edifício tem evoluído desde a antiguidade, e sua feição atual se deve a Girolamo Riario, no século XV. O edifício foi residência do cardeal Soderini e, posteriormente, embaixada da Espanha. Em 1568, foi adquirido pelo cardeal de origem alemã, Marco Sittico Altemps. Em 1982, o governo italiano o adquiriu e o transformou em um dos museus da capital.¹

Figura 165. Cabeças de bonecas com penteado típico da Alexandria, Egito, ao tempo do domínio romano. Século II-III d.C.



Figuras 166 e 167. Tetos decorados do museu.

1 Disponível em https://web.archive.org/web/20180111012522/http://archeoroma.beniculturali.it/Musei/Museo_Nazionale_Romano/Palazzo_Altemps/Edificio. Acesso em 28 de agosto de 2019. Tradução nossa do italiano.

Cripta Balbi

O sítio arqueológico urbano Cripta Balbi ou Cripta de Balbo apresenta um histórico da região onde está localizado desde a época em que a região era utilizada como campo de treinamento dos soldados romanos: o campo de Marte.

Embora pequeno, o teatro Balbo possuía colunas de ônix e um grande pórtico com estátuas e árvores. Em 44 a.C., Júlio César, ao deixar o local, foi assassinado.

No centro (ver fig. 169), um edifício de identificação incerta, mas que consta na planta de mármore da época de Severiano (século III d.C.). Os largos corredores, talvez divididos em duas naves, estão dispostos ao lado desse edifício que, no lado leste possuía seis colunas. A *crypta* era a parte mais interna, consistindo de um vestíbulo em um pátio, tendo no entorno colunas e uma galeria coberta e com janelas.

O local funcionou como banheiros públicos por duas vezes e foi danificado no incêndio de 80 d.C. – que

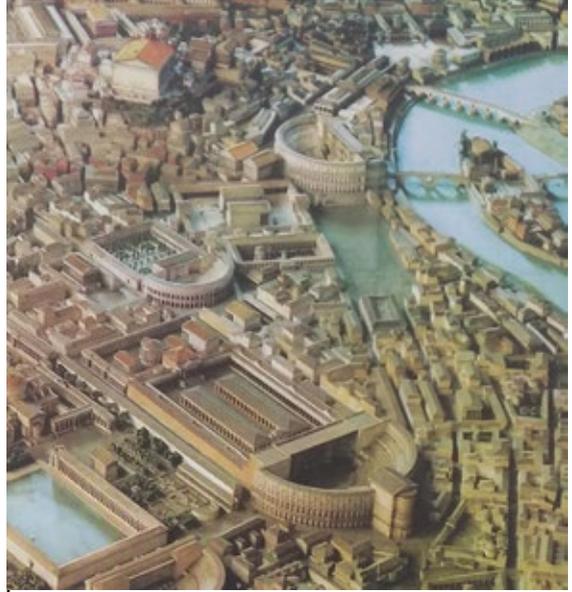


Figura 168. Gravura exibindo os três teatros ao estilo grego: Marcelo, ao alto; Balbo, ao centro; e Pompeio, abaixo.

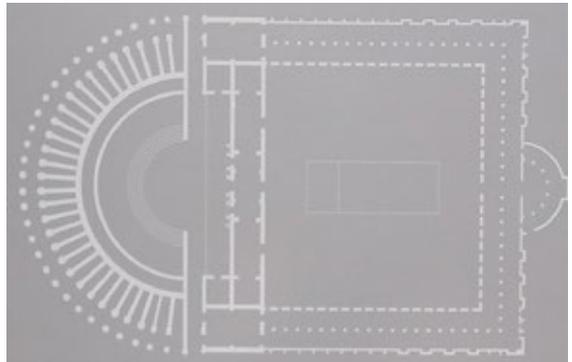


Figura 169. Planta do teatro de Balbo. A Cripta é o edifício quadrado à direita do teatro.

destruiu grande parte de Roma – e é possível que no período imperial tenha servido de destacamento de bombeiros.

Após o incêndio, o imperador Domiciano reformou o local e, no novo monumento, foi colocado um pórtico chamado *Minucia Frumentaria*, utilizado para distribuição de trigo para a população. Desse período, existe no subsolo da Cripta uma cisterna aberta à visitação atualmente.

Dois séculos mais tarde, sob Aureliano (270 d.C.), o local distribuía pão.

No século IV, há o abandono de templos pagãos e progressivo declínio dos edifícios, com o surgimento das primeiras basílicas. Um terremoto, em 410, mina a funcionalidade de muitos edifícios públicos que começam a ser ocupados por particulares. Na primeira metade do século V, a estrutura de Balbo é abandonada e transformada em local para despejo de lixo.

A partir de 420, os imperadores Arcádio e Honório proíbem a utilização urbana do campo de Marte.

Não se sabe o que ocorreu com o teatro, mas uma peça de mármore, reutilizada como parte de um túmulo, alude a uma restauração sob Teodorico (454-526).

Crônicas pontifícias relatam alagamentos sofridos no local.

Na Idade Média, começam a ser construídas várias igrejas no local. Em 1285, há a citação da construção de uma torre e renovação dos banhos.

No século XIV, cordoeiros se instalam no local, e mais tarde surge a fabricação de tecidos e trabalhos em bronze e joalheria.¹

Figura 170. Gravura exibindo um 'corte' arqueológico da localização das estruturas urbanas da antiguidade e hoje.

¹ Painéis expostos.



Termas de Diocleciano



As termas ou banhos de Diocleciano foram os maiores da antiguidade romana. Construídos em apenas oito anos – 298 a 306 d.C. – e ocupando uma área de 13 hectares (135.700 m²), podiam acomodar mais de 3.000 pessoas.

Possuíam duas entradas principais com amplos espaços cobertos com assentos (*exedra*), tendo ao lado duas bibliotecas.

As salas com água fria (*frigidarium*), morna (*tepidarium*) e quente (*calidarium* ou *caldarium*) estavam dispostas ao longo de um eixo; sendo que, de ambos os lados do *frigidarium*, havia ginásios descobertos. Além disso possuía piscinas (*natio*). Os pisos eram recobertos com mosaico de mármore, e as paredes



Figuras 171, 172 e 173. Edifícios das termas de Diocleciano: espaços externo e interno.

ornadas com esculturas. O complexo foi utilizado até o século VI quando foi restaurado, mas logo após acabou sendo abandonado, quando os bárbaros destruíram os aquedutos que o abasteciam.

Em 1561, o papa Pio IV construiu no espaço interno da área do banho, uma basílica, dedicada à Nsa Sra dos Anjos e um claustro, homenageando os mártires que, segundo a lenda, foram mortos durante a construção dos banhos. Michelangelo, contratado para planejar a igreja, usou as estruturas do *frigidarium* e *tepidarium* sem alterar a estrutura original.

As paredes remanescentes dos banhos evidenciam a grandeza da estrutura. As paredes tinham revestimento de tijolos, mas o núcleo era preenchido de fragmentos de pedra, tufo calcário (rocha esbranquiçada a partir de sedimentos de água doce ou subterrânea sendo incorporada de plantas e conchas) e restos de tijolos.

Em 1575, vários espaços dos banhos foram transformados em armazéns para grãos e azeite. Em 1889, o complexo se tornou uma unidade do Museu Nacional de Roma.

Ao lado do *caldarium*, havia espaços octogonais, sendo que, em 1928, um deles foi usado como planetário.¹

O museu apresenta ainda uma rica fonte de informações sobre a geologia, cultura e antropologia da região do Lácio.

Leonardo Da Vinci

O Palazzo della Cancelleria, na praça com o mesmo nome, apresenta uma mostra interativa dos projetos de Leonardo da Vinci.

Fazem parte, 51 projetos divididos em aeronáuticos, engenharia bélica, terrestres e aquáticos, mas há ainda instrumentos sonoros, pinturas e suas gravuras com estudos de anatomia, demonstrando a genialidade de Leonardo.

São apresentados os desenhos de Leonardo ao lado das peças reproduzidas.

¹ Painéis em exposição no museu.

Figura 174 (à direita). Desenhos da ‘rosca ou parafuso aéreo’ de Leonardo. Ele deixou mais de 4.000 anotações divididas em dois grupos: um, que guardava para si; e outro, mais organizado, de notas científicas descrevendo observações e dispositivos. Acredita-se que esses arquivos remanescentes sejam apenas um terço do total produzido.



Figura 175 (à esquerda). Maquete e, ao fundo, exibição multimídia com operadores do precursor do helicóptero.



Figuras 176 e 177. Dois tipos de anemômetros inventados por Leonardo: o da esquerda, chamado de funil, e a peça à direita, chamada de ‘lamela’ ou ‘pincel’, na qual a madeira vertical, em primeiro plano, é inclinada pela força do vento e é exibida na escala em arco; a peça superior, o ‘anemoscópio’ indica a direção do vento.



Figuras 178 e 179. Desenho e maquete de asa movido a força muscular. Após vários estudos com asas de pássaros, Leonardo se convenceu da impossibilidade de uso de asas baseadas apenas na força muscular humana.



Figura 180 (à esquerda). Paraquedas.



Figura 181 (acima). Planador com asas parcialmente fixas. A parte fixa é destinada ao piloto, e a móvel, com utilização de alças, cordas e discos ativam a parte que dá movimento às asas.



Figuras 182 e 183. Esboços com estudo de anatomia. Leonardo desenvolveu seus estudos entre 1500 e 1512, viajando por Roma, Milão e Florença.

Figura 184. Serra 'hidráulica' para madeira, usando uma roda d'água.



Figura 185 (acima). Instrumento musical. Por volta de 1480, Leonardo era responsável por espetáculos na corte do Duque de Sforza, em Milão. Era hábil com a lira e tinha uma bela voz.



Figura 186. Tambor 'mecânico'.



Figura 187 (acima). Tanque de guerra.



Figuras 188. Acima, rolamento.

Figuras 189. À esquerda, escafandro idealizado por Leonardo.

O Panteão



Figura 190. O Panteão.

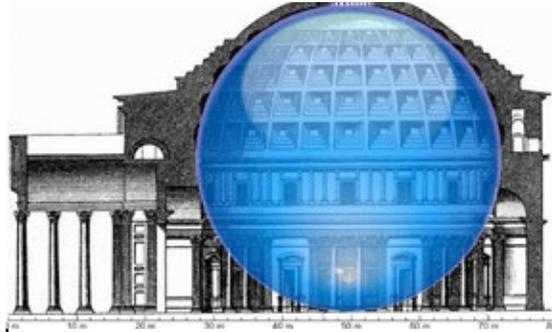


Figura 191. Esfera no interior do Panteão (ver texto).

O nome Panteão (de *pan*, ‘todos’, e *theos*, ‘deuses’, em grego) é fonte de controvérsia, pois não há na antiguidade referência a ele como sendo um *aedes*, templo ou casa.

A data da sua construção é incerta, mas se acredita que foi comissionada a Marcos Agrippa, durante o governo do imperador Augusto (27 a.C. – 14 d.C.), devido à gravação sobre o pórtico de entrada.

Tendo sido finalizado sob o império de Adriano, provavelmente em 126 d.C. A atual estrutura não é aquela de Agrippa, pois o edifício foi vítima de incêndio e reconstruído entre 80 d.C. e 110 d.C.

Dois mil anos após sua construção, o domo do Panteão é ainda o maior do mundo sem reforço de concreto. Sua estabilidade se deve a dois fatores: a espessura do concreto, cada vez mais fina à medida que se aproxima do orifício central do domo, o *óculo*, e também devido ao uso de cinza vulcânica, que, diferentemente do concreto comum, ganha agregação com o passar do tempo.

Sua entrada retangular convencional e seu interior circular são únicos na arquitetura da Roma antiga.

A qualidade circular do edifício é elevada à qualidade de esfera pela relação que existe entre a altura e diâmetro: valores



Figura 192. Cúpula do Panteão.

idênticos de 43,3 m, ou 150 pés na medida da Roma antiga. Assim, no interior do Panteão caberia perfeitamente uma esfera de 43,3 m de diâmetro.

Quem visita o Panteão, ao olhar para sua cúpula, espera encontrar, partindo do óculo central, o número de 24 raios ou fusos, associados aos fusos horários, mas ele possui 28 raios; além disso, cada um dos 5 anéis da cúpula possuem 28 recuos.¹

Em 609 d.C. o edifício se tornou a igreja de Santa Maria dos mártires.

No Panteão estão sepultados os reis Vitório Emanuel II; Umberto I e sua esposa Margarida de Savoia, além do pintor Rafael e sua noiva Maria Bibbiena.² O piso é do Renascimento, e seu padrão nos lembra a quadratura do círculo de Da Vinci e o homem vitruviano.

Figura 193. Piso.



¹ Acessível em <http://www.romanconcrete.com/docs/chapt01/chapt01.htm>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

² Acessível em <https://www.rome.info/pantheon/>. Acesso em 23 de setembro de 2019

Fonte da Figura 192: By derivative work: Cmglee - This file was derived from: Baukunst Etrusker Römer.jpg;, CCBY-SA 3.0, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=20162546>

O Estreito de Messina



Quem se desloca de trem da península itálica para a ilha da Sicília encontra uma situação inusitada.

A composição, ao chegar no ponto extremo da península, Villa San Giovanni, após uma série de manobras, é colocada dentro de um navio. Após meia hora cruzando o estreito, a composição é retirada do navio e, após as mesmas manobras, segue viagem pela Sicília.

Considerarei inusitado, pois uma solução simples seria o transporte de passageiros via balsa, uma vez que em Messina subiriam em outro trem, com mesma





numeração de vagões e poltronas e seguiriam viagem. Talvez a forma encontrada seja algo para dar conforto aos passageiros, economia no número de composições ou outra razão desconhecida.

As fotos acima (figuras 194, 195 e 196) mostram o trem dentro do navio, o estreito de Messina e a abertura da proa do navio ao se aproximar do porto.

Esse estreito é palco ainda de um fenômeno físico, relacionado à ótica: quando o mar e o ar estão serenos, em dia de inversão térmica, ocorre o chamado **'efeito fada Morgana'**.

Isso acontece quando o ar frio, que paira sobre a água, forma uma 'barra', e a imagem de um objeto distante é observada acima dessa faixa, dando a impressão que não está sobre o mar, mas pairando no ar.

O nome fada Morgana é uma referência aos contos de fadas, em cujas narrativas se descreve, magicamente, castelos pairando no ar.¹

¹ Acessível em <https://portalpesquisa.com/pesquisas/entendendo-o-efeito-fatamorgana.html>
Acesso em 29 de agosto de 2019.

Sobre o Autor



Figura 197. O autor dentro da sala de espelhos idealizada por Leonardo da Vinci.

Jorge Favaron é formado técnico em laboratório clínico, atividade que exerceu por quase quinze anos. Posteriormente, migrou para a área comercial, primeiramente na área diagnóstica e mais tarde para a qualidade microbiológica na indústria. Hoje, é empresário, exercendo atividade comercial na mesma área. Atualmente (segundo semestre de 2019), cursa o 6º semestre de filosofia.

BIBLIOGRAFIA

ARAS: THE ARCHIVE FOR RESEARCH IN ARCHETYPICAL SYMBOLISM, *O Livro dos Símbolos*, verbete: *Sirene*, sem indicação da tradução para o português, Alemanha, Taschen, 2012, impresso na China.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos*, tradução de Vera Costa e Silva e cols. 23. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 5 ed. Curitiba, Positivo, 2010.

GRIMAL, Pierre, *Dictionary of Classical Mitology*, Grã-Bretanha, Penguin Books, 1991.

GROMBRICH, E. H. *História da Arte*, tradução de Álvaro Cabral, 16. ed. Rio de Janeiro, LTC, 2012.

HERÓDOTO, '*História*'. Tradução do grego por P. H. Larcher, tradução para o português de J. Brito Broca. Clássicos Jackson, 2. ed. Rio de Janeiro, 1950. Versão e-book: 2006. Disponível em www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf. Acesso em 16 de julho de 2018.

LAËRTIOS, Diôgenes, '*Vida e Obra dos Filósofos Famosos*', tradução Mario da Gama Cury, 2. ed. Brasília, Editora UnB, 2008. E-book disponível em <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/T2013-07.pdf>, acesso em 18 de julho de 2018.

MUSEU ALTEMPS, *painéis em exposição*, Roma, Itália.

MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL URBANO, *painéis em exposição*, Crotona, Itália.

MUSEU ARQUEOLÓGICO PAULO ORSI, *painéis informativos*, Siracusa, Itália.

MUSEU ARQUEOLÓGICO REGIONAL PIETRO GRIFFO, *painéis informativos no local*. Agrigento, Itália.

MUSEU ARQUEOLÓGICO REGIONAL, *painéis informativos*, Tarento, Itália.

MUSEU DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO, *painéis em exposição*, Crotona, Itália.

MUSEU ETRUSCO VILLA GIULLIA, *painéis em exposição*, Roma, Itália.

MUSEU NACIONAL DE ROMA:

Cripta Balbi, *painéis em exposição*, Roma, Itália.

Palazzo Altemps, *painéis em exposição*, Roma, Itália.

Palazzo Massimo, *painéis em exposição*, Roma, Itália.

Termas de Diocleciano, *painéis em exposição*, Roma, Itália.

NERES, Luana, '*Homoerotismo na Antiguidade*'. In: Helade, vol. 2, nº 3, dez16. Pdf disponível em <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/T2013-07.pdf>, acesso em 16 de julho de 2019.

OVÍDIO, *Metamorfoses*, Livro V, 614-641, Tradução de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho. Disponível em <http://www.usp.br/verve/coordenadores/raimundocarvalho/rascunhos/metamorfosesovidioraimundocarvalho.pdf>. Acesso em 16 de agosto de 2019.

PALAZZO DELLA CANCELLERIA – Mostra Leonardo Da Vinci, *painéis em exposição*, Roma, Itália.

PEREIRA, Isidro, S. J. *Dicionário Grego-Português*, 8. ed. Braga, Livraria A. I., 1998.

PERFEITO, Abílio Alves, *Gramática de Grego*, 4. ed. Porto, 1974,

PESSANHA, José Américo Motta, *Platão*, tradução José Cavalcante de Sousa, 2. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978 (Platão - Os Pensadores).

PORTAL DE PESQUISA, Acessível em <https://portalpesquisa.com/pesquisas/entendendo-o-efeito-fatamorgana.html> Acesso em 29 de agosto de 2019

SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE CROTONA, Itália.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE ELEIA/VELIA, *Guia Impresso, Arte,m*, 2014 e painéis de divulgação. Ascea, Itália.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SATURO, Tarento, Itália.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO NEAPOLIS, *painéis em exposição*, Siracusa, Itália.

SITIO ARQUEOLÓGICO VALE DOS TEMPLOS, *painéis informativos no local*, Agrigento, Itália.

SOUSA, José Cavalcante, *Parmênides de Eleia*, tradução de José Cavalcante de Sousa e cols. 2. ed., São Paulo, Abril Cultural, 1978 (Pré Socráticos – Os Pensadores)

TECNO-PARQUE ARQUIMEDES, *painéis em exposição*, Siracusa, Itália.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, faculdade de Arqueologia, Disponível no sítio eletrônico: Labeca/Mae/Nausitoo:

Eleia: <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/city/128/>, acesso em 16 de julho de 2019;

Agrigento: <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/city/75/>, acesso em 27 de julho de 2019.

